

# Memórias do Cárcere

---

*Mariane Ceron*

*Maria Helena Souza Patto*

A entrevista com Daniel foi realizada em setembro de 2004, como parte de uma matéria jornalística sobre a FEBEM. Nesta ocasião, a entrevistadora já tinha estado com ele há oito meses numa unidade desta fundação. A entrevista se deu num momento conturbado da vida dele. Acabara de fugir da Unidade de semi-liberdade onde estava internado. Os motivos da fuga, segundo ele, foram o fato de a instituição “formar para o crime” e a saudade da família e da vida no “mundão”.

Daniel é branco, filho de Julia e Francisco, dois migrantes que vieram do sul da Bahia para São Paulo. Julia nasceu em Tucano, Bahia, em 1959, justamente no início de uma das piores secas daquela região, que durou cerca de três anos, matando de fome boa parte das crianças da região, e conferindo a ela, até hoje, a sensação de ser uma sobrevivente. Morava num sítio com os pais e as irmãs. Na época a família tirava o sustento da terra, que dava para o básico. Em períodos mais adversos, principalmente em decorrência das secas, o pai era obrigado a buscar emprego em outras cidades, para mandar o mínimo para a família sobreviver. Aos 15 anos veio para São Paulo com as irmãs na expectativa de mudar de vida. Começou a fazer “bicos” e trabalhar como empregada em “casa de família”. Logo conheceu Francisco, com quem se casou.

A história de Franciso é um pouco diferente. Aos quatro anos ele veio com os pais de Macaúbas, cidade Baiana, para São Paulo. Aos seis anos perdeu a mãe e aos nove perdeu o pai, ficando sob os cuidados do irmão mais velho em Francisco Morato. Começou a trabalhar cedo, fazendo “bicos”, para ajudar o irmão. Aos 18 anos serviu o exército; quando saiu começou a trabalhar numa padaria da Vila Maria, época em que conheceu Julia. O casal foi morar na Vila Clementina, periferia na Zona Norte da cidade de São Paulo, onde teve três filhos: Rodrigo, Daniel e Lucas.

Daniel nasceu nesse bairro da periferia, onde morou até 1999, quando foi tirado, aos treze anos, da tutela de sua mãe e passou à tutela

do Estado. Tinha início uma sequência de internações na FEBEM que terminou com a transferência para uma penitenciária, onde permaneceu até 2004 quando, depois de um longo trâmite burocrático que não se resolvia, ele resolveu fugir.

No texto que ele escreveu, a narrativa de sua vida começa aos seis anos de idade, quando morava com o pai, a mãe e os irmãos, o mais novo ainda de colo. Daquela época, guarda lembrança do crescente alcoolismo de seu pai, que se sentia humilhado por ver a esposa trabalhar enquanto seu ordenado era insuficiente para o sustento da família. Todos os dias a mãe esperava o pai chegar da rua “*acordada e a postos, pois se a porta não fosse aberta rápido, já havia motivo para brigas e até violência*”. Nessa situação limite, sentia pena da mãe e raiva do pai, e “*rezava para ele chegar muito bêbado, assim vomitava um pouco, se jogava na cama e dormia logo, não batendo em ninguém*”. Desde cedo, portanto, a vida de Daniel transcorreu em meio à violência familiar, à baixa remuneração do trabalho dos pais e a condições materiais precárias.

O bairro também é fonte de violência inesquecível. Um dia, o pai não voltou para casa à noite. Ao amanhecer, indo para escola, viu uma movimentação perto da porta de casa. Era um “*corpo humano caído no chão em meio a sangue*”. Ele pensou que fosse seu pai. Não era. Tratava-se de “*mais um cara morto, de muitos que morriam de repente naquele lugar*”.

Muitas de suas recordações referem-se ao ambiente escolar. Conta que era muito arteiro, mas nunca deixou de fazer os deveres, pois gostava de todas as matérias e queria ser professor. O irmão mais velho foi encarregado pela mãe de cuidar dele “*para que não arrumasse muita confusão no recreio*”. Na sala de aula, fazia graça e divertia os colegas. Lembra-se de muitas professoras, especialmente aquelas que sabiam lidar com ele, levando-o para a sala dos professores e tendo “*uma conversa legal em vez de partir pra bronca*”. Em algumas situações, no entanto, envergonhado pelas dificuldades que a família passava e que eram trazidas à baila, sentia-se humilhado. Como no dia que teve que tirar a camisa na educação física e “*tinha exposta nas costas uma verdadeira obra de desumanidade*”, marcas de uma surra do pai.

Agravada a situação familiar, a mãe assumiu o sustento dos filhos. “*Apertavam*” o dinheiro para o básico, e chegaram a aceitar comida de uma vizinha, situação vivida como humilhante por Daniel. No livro que escreveu ele detalha uma sucessão de experiências difíceis de humilhação:

o sub-emprego, o desemprego, o alcoolismo, a violência doméstica, o corte da luz, o corte da água, o despejo.

Mãe e filhos deixaram a casa depois de uma briga entre os pais que fez um vizinho chamar a polícia, que levou preso o marido agressor. Na mudança deixaram os móveis como pagamento do aluguel atrasado e foram morar com uma tia de Daniel por parte da mãe, numa casa que mal abrigava a tia e o primo. Mesmo assim, a vida da família melhorou, segundo o depoente: “*Agora tudo estava em boas condições: a casa estava mobiliada como uma casa normal, os filhos na escola, a mãe estava mais forte e os ônibus passavam na porta de casa. Mas o destino não estava de acordo, o futuro daquela família não será nada fácil...*”. O destino é um personagem importante nos relatos de Daniel.

No novo local de moradia envolveu-se com amigos, meninas, novas experiências, drogas e armas. Em seu depoimento escrito, ele fala de fascínio: os ladrões locais que tinham sucesso entre as mulheres usavam tênis e roupas da moda, insígnias de poder numa sociedade de consumo. Se as pessoas valem pelo que têm e o trabalho assalariado não permite nem mesmo a satisfação de necessidades mínimas, as práticas ilegais tornam-se atraentes aos meninos pobres da periferia da cidade e indicam-lhes um caminho diferente da penúria de seus pais. A “força do destino” começa a marcar presença crescente em sua vida, e ele ingressa no mundo do crime.

O prestígio que ia adquirindo no mundo do tráfico convivia com a recriminação familiar e social. Desde os 13 anos de idade, até o momento da entrevista, Daniel esteve entre o que ele chama de “*vida*” – que ele recusa e se sente recusado por ela, pois não aceita viver sacrificado em troca de salários irrisórios – e o que chama de “*vida loka*”, ou vida no crime, mesmo sabendo que nela “é fácil entrar e difícil sair”. Foi entre um mundo negado e um mundo buscado, pelo retorno econômico e o reconhecimento imediato que traz, que ele foi trançando sua “*caminhada*”<sup>1</sup>.

A longa história de internações e transferências é uma confusão de datas, fatos e motivos, que provavelmente decorre da sucessão de violências sofridas e de repetições de situações vividas nas diversas unidades da FEBEM, principalmente a partir do momento que se tornou líder dos internos e era transferido, a cada rebelião, para outra Unidade. Lembra-se da infraestrutura precária, do desconforto e da promiscuidade causada pela superlotação, das humilhações físicas e psíquicas, das rebeliões, das

---

<sup>1</sup> Gíria que designa trajetória percorrida no mundo do crime e da FEBEM.

fugas e recapturas e de muita pancada, sobretudo quando a Tropa de Choque entrava em ação. Tudo isso o leva a concluir: “*de 100%, piora 100%*”.

Começou como “peixe pequeno” que não conhecia a lógica institucional. Pouco tempo depois, já não era mais marinheiro de primeira viagem: entre transferências, “manos” e rebeliões, foi “*sabendo das coisas*”, “*ganhando respeito*” e subindo na hierarquia dos internos, até chegar a uma Unidade em que alguns de seus “irmãos de caminhada” lideravam como “faxinas”<sup>2</sup> e o promoveram a esse posto. Àquela altura, já conhecedor do funcionamento da instituição e das gírias e das regras dos internos, começou a participar mais ativamente da arquitetura das rebeliões, das negociações e da organização dos “meninos”.

Por isso, foram muitas as transferências fundadas no princípio institucional de retirar, a cada rebelião, os adolescentes responsáveis do convívio com os demais, como maçãs podres devem ser retiradas do cesto para não apodrecer as outras. As frequentes transferências foram vividas por ele como uma violência que confunde e despersonaliza, ao contrário do discurso institucional, que as justifica como atos de restabelecimento da ordem e de proteção dos amotinados.

As constantes transferências trazem outros danos: “*a papelada não acompanha o cara*”, o que dificulta a obtenção de informações sobre o andamento dos processos e localização de documentos. Quando conheci Daniel, ele cursava o 3º ano do ensino médio, mas ao final do ano ele voltou para o 2º ano, pois seus documentos escolares foram perdidos entre duas transferências. Desapareceram também roupas, dinheiro, celular e outros pertences dos internos. Foram muitas as vezes em que Daniel “*começou a juntar tudo do zero*” por motivo de transferência, rebelião ou fuga. Ao longo da narrativa, ele explica como é feito o tráfico de drogas, bebidas, celulares e armas nas Unidades da FEBEM, e como é possível ganhar mais traficando dentro dela do que fora.

Depois de anos de internação, entrecortados por rebeliões e fugas, Daniel tornou-se conhecido no mundo do crime e da Fundação para o Bem-Estar do Menor: nele ganhou prestígio; nela ficou marcado como portador de “alto grau de periculosidade”, o que o tornou alvo de todo tipo de violência física e psicológica. Relatórios oficiais produzidos por psicólogas, pedagogas e assistentes sociais da instituição nada mais faziam do que confirmar esta imagem gerada pelos funcionários da segu-

<sup>2</sup> Existem vários “postos de trabalho” entre os internos. “Faxina” é o mais alto posto de comando; quem o ocupa organiza os internos e tem acesso a várias dependências das Unidades.

rança: relatórios diagnósticos vêm perpassados de moralismo e senso comum: Daniel é “*manipulador e sedutor, com atributos de esperteza, facilidade de articulação e inteligência. Além disso, é questionador e crítico, um jovem difícil de lidar, apresentando-se muitas vezes disciplinado e rebelde*”. Funcionários responsáveis pela contenção e funcionários responsáveis pelo acompanhamento técnico se somavam num pacto institucional que reiterava a periculosidade do interno. De outro lado, eram exatamente esses comportamentos que o tronavam objeto da admiração dos “irmãos”.

Assim estigmatizado, não era mais ouvido pelos encarregados de atendê-lo e de redigir laudos cruciais às decisões judiciais sobre seu caso. Como “faxina”, não podia demonstrar fraqueza, ao contrário, cabia-lhe mostrar força e atitude, mesmo que à custa de pancada e ampliação da pena. Sem interlocutores e sem acolhimento em todas as instâncias institucionais, escrever um livro teve um significado muito particular: “*se não fosse isso, ficava louco, porque era com aquelas personagens que eu conversava*”.

Daniel participou de tantas rebeliões que admite, com certo orgulho, ter perdido a conta. Para ele, a maioria delas é usada como instrumento para reivindicar um mínimo do que chamam de “dignidade”, como o direito a usar roupas do “mundão”, à visita íntima, a mais tempo de visita, a falar de cabeça erguida com os funcionários etc. Além disso, a rebelião representa uma possibilidade de fuga e de vingança contra funcionários que espancam e humilham. Por isso, Daniel acredita que uma rebelião “*começa através de humilhação, da desumanização dos funcionários... De tudo isso!*”.

Depois de ser transferido inúmeras vezes para lugares que pareciam sempre os mesmos, depois de duas rebeliões seguidas na última unidade da FEBEM em que esteve internado, e já tendo completado 18 anos, foi levado para a cadeia: “*Então a gente vai para cadeia e sai de lá com outra mentalidade. A gente chega com medo, mas sai corajoso*”. Depois de dois meses em que cumpria pena em “presídio de adulto” (a FEBEM é chamada por ele de “presídio de adolescente”), descobriu em seu processo que, antes mesmo das últimas rebeliões de que participou, já tinha adquirido o direito à semiliberdade. Como se fosse possível voltar no tempo, a medida foi cumprida: no período de um dia ele foi do presídio para uma Unidade de internação e desta para a Unidade de semiliberdade. Não pensou duas vezes: pulou a muralha e foi para casa.

Embora desde a infância estivesse sob limitações impostas pela desigualdade social, Daniel só passou a ter alguma consciência delas depois da experiência no “mundo do crime”, quando entendeu que os únicos responsáveis pelo rumo de sua vida não eram ele próprio ou sua família. Ele falar ora em “sistema”, ora em “destino”, e elabora uma reflexão ao mesmo tempo alienada e lúcida sobre sua vida passada e presente: *“eu pude perceber que tudo não passava de uma grande cilada do sistema em que vivemos na periferia. Imagine um menino da favela, sem incentivo do pai que há três anos – como milhares de brasileiros – está desempregado, e sem incentivo para um futuro adequado para sua vida, desde o começo sofrida, em busca do pão de cada dia e sem oportunidade de fazer um curso. Ele acaba fazendo o curso que a própria vida e o próprio sistema oferecem aqui na FEBEM, onde as pessoas entram pela porta da frente, a maioria inocente do mundo e da escolha que fez e, com o passar do tempo, saem com um diploma de curso, que não serve para trabalhar numa empresa normal, mas sim com experiência para montar sua própria boca de drogas, com enorme disposição para invadir uma agência bancária ou estudar um sequestro bem-sucedido. Falo isso porque convivo aqui e sei como funciona o sistema carceralho<sup>3</sup>. Como pode alguém se recuperar no meio de torturas? Só por um milagre de Deus! Hoje, mesmo privado de liberdade, vejo que é isso que o sistema quis de mim. Me ver jogado na FEBEM e depois, que nem é tão diferente, na cadeia”.*

A lógica que estrutura o aparato repressivo e que definirá o destino de Daniel foi registrada por Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere*, 50 anos antes: “ali domina o capricho despótico e as sentenças dos tribunais são formalidades inconsequentes: cumprem-se, e os réus não se desembaraçam da culpa. Certos crimes não desaparecem nunca; um infeliz ajusta contas com o juiz e fica sujeito ao arbítrio policial. Inteiramente impossível a reabilitação, pois não o deixam em paz. (...) Ao voltar à rua, mais difíceis se tornarão as fugas, a vida oblíqua, permanente resvalar de um lado para o outro. Acha-se um infeliz em estado paradoxal: deseja sair dali, imagina planos de evasão impossível, e receia afrontar de novo os perigos antigos agora muito ampliados: mecanizaram-no, quase o imobilizaram, incutiram-lhe dúvidas sobre as suas aptidões. (...) A certeza da própria insuficiência é horrível. Exclui-se a ideia de ar-

<sup>3</sup> Trecho do seu livro no qual usa o termo “carceralho” para falar “FEBEM”.

ranjar outro ofício. (...) E depois, ainda que desejasse trabalhar, não o conseguiria: negam-lhe a mínima confiança, verrumam-lhe o espírito esses desajustamentos, a liberdade chega a apavorá-lo. De fato não é liberdade. Liquida as suas contas com a justiça e mandam-no embora. Mas não está quite com a polícia: esta não o largará nunca. Arruma os picuás e sai; a chegar à primeira esquina um sujeito lhe surge e prende-o".<sup>4</sup>

\*

No primeiro semestre de 2006 a entrevistadora procurou retomar o contato com Daniel. Encontrou-se com a mãe dele, que a informou que o filho havia retornado à FEBEM e à liberdade Assistida. De volta para casa, propôs-se a frequentar a escola e começou um trabalho voluntário numa creche. Sem dinheiro, desistiu do trabalho não remunerado, procurou emprego e chegou a trabalhar numa mecânica e numa loja de uma rede multinacional de lanchonetes. Deixou ambos depois de um dia de trabalho, alegando que não queria passar o dia todo realizando tarefas repetitivas para ganhar um salário insuficiente para suprir suas necessidades de consumo. Diante da impossibilidade de realizar o desejo de um salário de mil reais, procurou as antigas turmas e voltou a ser traficante, mas também não se readaptou ao mundo do crime. Desprestigiado entre os pares, passou a consumir grandes quantidades de drogas. Segundo relato da mãe, nos últimos meses o crack transformou-o em pele e osso. Quando do encontro da entrevistadora com a mãe de Daniel, ele estava desaparecido da casa há oito dias.

À procura do filho, ela esteve em delegacias, hospitais e IMLs. Finalmente, com a ajuda de organizações militantes, conseguiu localizá-lo numa cadeia da Zona Leste, acusado de extorsão. Provavelmente extorquiu alguém, como costuma acontecer com usuários de drogas, para tentar saldar dívidas contraídas com traficantes que lhe forneciam o crack. E dívida, no mundo do tráfico, é morte certa, mais dia, menos dia.

---

<sup>4</sup> Ramos (1953), p.304-306.

## Entrevista com um egresso da FEBEM

---

*“O sistema faz você desgostar da vida”.*

– *Por que você fugiu da semiliberdade?*

Daniel – Porque eu tenho família, quero sair em li-ber-da-de, e não em “semi” liberdade.

– *Mas você sempre teve família. O que mudou agora?*

Daniel – Não muda nada, aí é que está! A semiliberdade é outra escola. Não ensina nada também, é outra escola do crime. Todo mundo que está lá é criminoso e passou pelos ensinamentos da FEBEM.

– *Além de você achar que tem família e que se recuperaria mais aqui fora, tem raiva por ter sido mandado pra cadeia?*

Daniel – Tem um ressentimento muito forte, porque a cadeia é uma coisa que a gente nunca gostaria de passar. Ainda mais eu, que passei por FEBEM, já tinha tido uma experiência e prometi pra mim mesmo que não ia voltar mais, que era a última vez, porque era muito sofrimento em cima. Então a gente vai pra cadeia e sai de lá com outra mentalidade. A gente chega com medo, mas sai corajoso, entendeu? Chega com medo porque não sabe quem vai ver. Aí, um monte de gente de barbão, barba feita, tal, fazendo barba toda semana. Uns com filho da sua idade e você ali no meio disso.

– *Como é a semiliberdade?*

Daniel – Chega no domingo, só sai sexta-feira. Sai todos os dias, quem estiver trabalhando, e sai todos os dias, quem estiver estudando. Mas eu tenho família, minha escola é aqui perto, eu posso sair daqui, vir almoçar em casa, voltar para o serviço, voltar pra ficar em casa. Na semiliberdade, não. Eu vou ver os presos! Os mesmos presos quem eu já tive passagem, com quem eu já roubei. E se nós pensarmos em roubar novamente?

– *Qual a diferença entre cadeia e FEBEM?*

Daniel – A diferença é que o ensinamento sobre a criminalidade é cada vez mais. É uma graduação, cada vez é uma rebelião mais forte. Na cadeia já é profissional. Se uma pessoa entra e não tem família nem nada, passa dois, três minutos já vira da família. Entra para o Primeiro Comando da Capital (PCC), pra estes negócios todos.

– *Como é a formação para o crime dentro da FEBEM?*

Daniel – É o abuso dos funcionários contra os internos e a justiça que é cega e que não vê! Como é que pode mandar um adolescente da FEBEM pra cadeia? Pra aprender mais do crime e depois voltar pra FEBEM? Não tem lógica! Eu saí fora porque me deram a chance de voltar pra minha casa. Uma semiliberdade? Eu acharia justo se eu não tivesse uma família, porque ali poderia ser o começo da construção de uma família. Mas como eu já tenho uma família, não preciso de uma semiliberdade. Preciso de uma L.A. [Liberdade Assistida]<sup>5</sup>. Ou nem de uma LA, porque eu já sou maior de idade. Isso tinha que acabar! Já!

– *O que você fazia o dia inteiro na FEBEM?*

Daniel – Fumava maconha o dia inteiro. Entrava maconha direto. Uns funcionários sabiam, alguns até faziam ponte pra entrar.

– *A maconha entrava como?*

Daniel – Pela portadora ou pelo funcionário. Ou pagando o funcionário ou, dependendo do funcionário, não cobrava nada.

– *Com maconha as pessoas presas ficam mais tranquilas?*

Daniel – As pessoas ficam mais tranquilas, mas também não é uma coisa que é boa pra ninguém, só deixava mais suave. O diretor mesmo fazia vista grossa, pra FEBEM não ficar agitada. Eles deixavam entrar pinga, celular e maconha. Olha, eu vou falar pra você que na cadeia não tinha o que tinha numa FEBEM.

– *Se você não tinha celular, como é que você fazia o “corre”<sup>6</sup>?*

Daniel – A gente fazia através de uns meios de transporte, de cartas. Só que quando eu fui de transferência pra outro distrito que tive a oportunidade de ligar cá pra fora pra fazer meu “corre”.

– *Mas, falando na FEBEM, você entrou há quanto tempo?*

Daniel – Minha primeira passagem foi em 1999, eu tinha 14 ou 13 anos. E já estava nos meus “corre”, já estava me sustentando sozinho, roubando, eu tinha uma turma, uns amigos, uns comparsas. Aí, vários assaltos, vá-

---

<sup>5</sup> Medida socioeducativa que desinterna o jovem, com a condição que ele faça alguns cursos de frequência e carga horária variáveis, dependendo do caso.

<sup>6</sup> “Corre” – fazer o corre é organizar o necessário tendo em vista um objetivo. Às vezes quer dizer traficar.

rios assaltos, vários assaltos, fama, essas “fita” e me mandaram pra UAI<sup>7</sup>. Cheguei na recepção, fiquei pouco tempo na UAI, uns 24, 25 dias, e ganhei minha transferência para o Tatuapé, na UE – 7<sup>8</sup>. Eu não fazia nada na UAI. O procedimento é chegar, ser revistado; “planilhar”<sup>9</sup>, tomar um banho; vestir uma roupa; comer alguma coisa e ficar no banco. Até “melhorar”...

– *Mas alguém “melhorava”?*

Daniel – Não. Ficava a maior revolta. Os funcionários, se veem alguém conversando, pegam e batem. Tem muita porrada na UAI, bem mais que na FEBEM. Tem FEBEM que os internos têm uma organização, aí a coordenação vê que eles merecem algumas coisas como roupa do “mundão”<sup>10</sup>, estas coisas... Aí não tem espancamento da parte dos funcionários.

– *Mas isto depende do “bom comportamento” ou da organização dos meninos?*

Daniel – Depende de tudo, depende mais da atitude. Mas isto é quando está na “mão dos meninos”. Porque quando está na “mão dos meninos” está na “mão dos funcionários” também. O que eles falarem é válido e o que a gente falar é mais válido ainda. Já quando está na “mão dos funcionários”, só o que eles falam é válido, o que a gente fala não serve pra nada. Eles pedem pra andar com a mão pra trás, coisa que não tem necessidade, não tem necessidade mesmo! Andar com a mão pra trás, humilhavam a gente, falavam um monte pras visitas... Conforme eles vão tendo muito poder, eles deixam subir pra mente aquilo e aí começam a esculachar, começam a bater, começam a espancar... Deixam do jeito que eles querem mesmo, ninguém dá um pio.

– *Como a FEBEM passa da “mão dos meninos” para a “mão dos funcionários”?*

Daniel – Pra “cadeia”<sup>11</sup> ser entregue não é de uma hora pra outra, nem de um dia pra outro. Demora, tem que fazer várias “fitas”. Tem várias formas de trazer a “cadeia” pra gente, mas é mais a revolta e a rebelião que ajuda. A rebelião que teve na Vila Maria X não foi por causa de liberar isso ou aquilo. Porque nós, a maioria dos internos da Vila Maria X, era tudo de Franco da Rocha, uma Unidade de muita contenção, rebelião e mídia

<sup>7</sup> UAI: Unidade de Atendimento Inicial.

<sup>8</sup> “UE” (Unidade Educacional) é o antigo nome das atuais “UI” (Unidades de Internação).

<sup>9</sup> “Planilhar” é o processo de coleta das impressões digitais.

<sup>10</sup> NA FEBEM os internos andam uniformizados. Roupas do mundão são aquelas trazidas de fora da FEBEM, com as quais os adolescentes se sentem melhor, principalmente nos dias de visita. São, na maioria, roupas e tênis de marcas famosas.

<sup>11</sup> Os internos costumam chamar a FEBEM de cadeia, ou de “carceralho”, por motivos que vão se evidenciar na própria fala do Daniel.

pra lá e mídia pra cá. Então, quem tinha estado em Franco tinha uns BO [Boletim de Ocorrência] “monstro”<sup>12</sup>. Não tinha ninguém com 157<sup>13</sup>. Era latrocínio, fuga, só isso, você entendeu? Pra você ver, eu vi mais casos graves na FEBEM do que na cadeia. Quando cheguei, vim de vários “bondes”<sup>14</sup>. Dois dias antes, num domingo, tinha tido uma fuga de 53 internos pela porta da frente. Eu fiquei doido. Falei: “porra, meu!”. Aí a cadeia foi pra “mão dos funcionários”. Contenção máxima, só “tranca” durante um mês. Já cheguei na tranca. Eles falavam ‘A’, eu falava ‘B’ alto, eles falavam ‘B’, eu gritava o ‘C’ no ouvido deles. E às vezes apanhava. Aí, teve essa contenção e com o passar de um mês começaram a soltar os “barracos” de um em um, pra tomar sol. A gente começou a tomar a cadeia assim. Eles começaram a relaxar e nós começamos na corrupção. A gente pagava. Tudo no dinheiro.

– *Isso é culpa do diretor?*

Daniel – Diretor! É culpa da sociedade, meu! O diretor só é pilantra também.

– *Só tem dois lados, meninos e funcionários?*

Daniel – Não existe acordo. Acordo com eles não existe, são dois lados de uma guerra.

– *Como é quando a cadeia está “na mão dos meninos”?*

Daniel – Tem celular, pinga, maconha, drogas, facas, naifas<sup>15</sup>, roupas do mundão, comida das mães... Olha, estou vendo totalmente a diferença de lá de dentro pra cá pra fora. Lá dentro eu tinha um “corre” mais do que tenho aqui fora, porque aqui fora eu não estou roubando. Lá dentro eu podia traficar, entendeu? Olha que “fita”! Lá dentro eu traficava, eu estava na cadeia mesmo... entendeu? E lá dentro tinha roupa “da hora”, tinha um monte de “barato”, eu vendia. A diferença aqui fora? Agora é que estou vendo, porque antigamente eu não via, eu roubava. Então, eu não via diferença. Saía da cadeia, passava dois dias já estava de motoca, pra cima

<sup>12</sup> “BO” são as ocorrências pelas quais os internos respondem na internação. “monstro” é tudo que é violento, como ficará explícito mais adiante.

<sup>13</sup> Preso por infringir o artigo 157, roubo.

<sup>14</sup> Bonde: transferência de uma unidade para outra. Normalmente acontece devido a uma rebelião, para tirar os “organizadores” do convívio com os outros internos, os internando em unidades nas quais estão adolescentes com um “nível mais alto de periculosidade”.

<sup>15</sup> Naifas são pedaços de metais, vindos das construções e dos objetos das instalações da FEBM, que são afiados pelos internos até ficarem pontiagudos e cortantes como facas.

e pra baixo de carro, já estava “zoando”. Agora, pra descer pra praia, está a maior burocracia. Tem uns caras que não percebem que você quer ficar sossegado e ficam atiçando pra você ir roubar e ficar roubando, porque sabem que você é bom. Aí, ficam atiçando pra você pagar uma dívida, essas “fitas”...

– *Mas quando a FEBEM está na “mão dos meninos” não rolam altos abusos?*

Daniel – Nunca rolou. Não rolam altos abusos, não. Porque é a mesma coisa que se estivesse numa cadeia. Se acontece alguma coisa hoje e, no futuro, alguém olha pra trás, alguém vai ser cobrado, entendeu? Então, pra que isto não aconteça, ou seja, pra que a gente não tenha guerras com outras facções, ou com o Comando, ou com outras “cadeias” e, principalmente, pra não ter morte, a gente procura sempre ter a organização certa. Se for fazer alguma coisa, perguntar pra alguém “superior ao crime”. Porque, mesmo a gente estando na FEBEM, o que advoga é o crime. Pra um morrer tem que pedir.

– *Quem é “superior ao crime”?*

Daniel – “Superior ao crime” são as pessoas que há muito tempo estão presas, que vêm do sistema, que organizaram a revolução, do Comando mesmo.

– *Um Comando acontece mesmo? Porque é muito diferente o que acontece numa FEBEM e o que acontece numa “cadeia”...*

Daniel – Não *muito* diferente! Antigamente era *muito* diferente. Mas agora é revolução. São os jovens que estão chegando pra somar e multiplicar com os caras (do PCC).

– *E todo mundo pensa como você?*

Daniel – Todo mundo pensa como eu. Tem uns que pensam melhor, tem uns que pensam pior, mas se você for ver bem mesmo, o objetivo é um só. É a Revolução: Paz, Justiça e Liberdade.<sup>16</sup>

– *E uma pessoa que quer sair do crime?*

Daniel – Não dá. Você tem que escorregar pra sair, você tem que dar mancada. Não pode. E se você der uma mancada grave e não for excluído? Você vai morrer, certo? Quando é grave, morre. Quando é coisa média, quebra os braços. E se o cara ficar na “quebrada”, vai ficar sossegado. Mas, quando a bandeira abaixar...

---

<sup>16</sup> Lema do PCC.

– *E para entrar é só ir lá e falar que quer?*

Daniel – Não, é só fazer uma ligação. É só ligar para o meu futuro padrinho, que é quem quer que eu entre. Tem que ter alguém que te chame. Quando ele me chamou, eu falei que não era minha hora ainda. Eu estava na rua, ele chegou e falou: “e tal e tal e tal”. E eu falei: “não é minha hora ainda”. Meu padrinho já é velho, mas tem padrinho aí de 22 anos querendo me batizar. Está cheio de gente querendo me batizar...

– *E a sua hora vai chegar?*

Daniel – Não, minha hora não vai chegar nunca. Minha hora vai chegar quando eu estiver no meu “trampo” sossegado. Ou quando eu receber a notícia que eu sou pai, aí sim minha hora vai chegar... O que chegar primeiro, está valendo. A gente “se vira nos trinta”<sup>17</sup>.

– *Na FEBEM os funcionários faziam acontecer as rebeliões...*

Daniel – Aconteceu numa Unidade em 2003. Os funcionários estavam em greve, manifestação, todas essas coisas pra aumentar salário e, principalmente, liberar hora-extra. Tinha funcionário que chegava na “cadeia” no começo do mês e saía no final. Eles mal saíam de dentro da “cadeia”. Eles viravam plantão por plantão pra ganhar dinheiro. Dormiam, comiam, bebiam, comiam, dormiam, batiam em interno... Isso revoltou! Tinha um “barraco”<sup>18</sup> em Franco da Rocha só de funcionários, eles chegavam na “cadeia” e ficavam um mês, só saíam pra bater o cartão. Eles batiam, xingavam a mãe, que é coisa sagrada, e “arrastavam” a visita, que também era coisa sagrada. “Arrastar” a visita é marcar de entrar às 10h e só entrar meio-dia, 13h, 15h, entendeu? Aconteceu até de entregarem as chaves em algumas alas. Isso foi suborno de funcionários, de coordenadores, entendeu? O interno preso, com dinheiro aqui fora, liga pra fora, pega o dinheiro, transfere pra conta do funcionário e o funcionário faz o que ele mandar. E, na verdade, pra eles era até bom entregar a chave, porque aí estava a desculpa deles: “Olha aí, se vocês não derem hora-extra, vai acontecer rebelião”.

– *Como era o processo de os funcionários darem a chave?*

<sup>17</sup> Atração do programa televisivo da Rede Globo “Domingão do Faustão”. Nesta “atração”, alguns inscritos, previamente selecionados pela produção, têm trinta segundos para realizar façanhas aparentemente impossíveis em apenas 30 segundos. Quem conseguir realizar a mais próxima do “impossível” ganha.

<sup>18</sup> “Barraco”: gíria entre os internos que significa “quarto”. Geralmente são vários “barracos” com portas voltadas para o pátio, cada um com capacidade [número de camas] média de seis adolescentes, mas que geralmente abrigam número maior do que o previsto.

Daniel – O processo era o seguinte: tinha uma massa de funcionários em Franco da Rocha, boa. Também, entre os funcionários, era quase o mesmo sistema dos internos. Tinha uns funcionários que tinham mais voz, tinha o coordenador que fazia as papeladas de hora-extra, tinha funcionários que eram discriminados por outros funcionários... Um querendo sempre ser mais que o outro, ganhar um ponto com o coordenador e ganhar mais hora-extra. A entrega das chaves, aconteceu por causa de horas-extras. Os funcionários fizeram acerto com alguns internos “cabeça”, alguns “pilotos” gerais. Porque estavam querendo tesourar a hora-extra dos funcionários. Eles começaram a soltar a “cadeia” pra nós, deixar mais tempo de pátio, fechar a tranca só às 22h, começaram a xingar, provocar, dar a deixa pra criar um motim, criar uma rebelião... Não é nem melhor nem pior pra ambas as partes. Tem o que a gente quer e tem o que eles querem, o que eles querem é o respeito de nós e o que nós queremos é visita íntima, celular, droga... E eles deixavam as câmeras no pátio pra gente tomar a cadeia, pra mostrar o que dá “tesourar a extra”. A gente já fazia o acerto: “a gente vai sair com faca, a gente não quer machucar ninguém”.

– *Vocês estavam sendo usados pelos funcionários?*

Daniel – A gente estava sendo usado, mas por estar sendo usado, a gente estava usando também. Porque, na verdade, eles estavam conseguindo o que queriam e a gente também. O que a gente queria? Primeiro, tomar a cadeia, depois a fuga. E a gente tomou a cadeia e fugiu. E o que eles queriam? Eles queriam a hora-extra. E eles conseguiram depois que 135 internos conseguiram a liberdade fugindo pela porta da frente. Isso nessa Unidade, porque em outra não tinha fuga. Teve várias rebeliões nesta também, mas aquela bateu o recorde em rebelião e fuga. Eu era “faxina” de lá, voz ativa.

– *Lá foi um pouco a sua “escola”?*

Daniel – Foi um pouco da minha escola, mas não aprendi nada, a não ser coisa ruim.

– *Como é este ensinamento?*

Daniel – O ensinamento é na prática, no dia a dia, na conversa, no tempo que você fica só refletindo... Em tudo, você está pensando em maldade, você está pensando na vítima, no juiz, em tudo você está pensando, na sua família. Sua mente não para de trabalhar nem nos momentos em que você vai descansar.

– *Tem algum exemplo dessa escola do crime?*

Daniel – Muitas das vezes, quando eu estava aqui fora, antes de ser preso, roubava coisa pouca: som de carro, sem arma nem nada. Quando eu fui pra lá, eu vi que muita gente estava lá, mas tinha coisa aqui fora: fazia sequestro-relâmpago. E eles falavam como é que era, e a gente vai pegando a experiência. Quando eu fui preso pela primeira vez, fui preso roubando som de carro, depois eu já fui preso roubando lotérica, a terceira vez foi num posto de gasolina. Eu não fui preso no mesmo dia, porque foi um latrocínio. Eu fui preso na semana seguinte, na investigação. Porque o cara reagiu, atirou num rapaz, aí eu atirei nele. Depois teve “operação lixeiro” aqui na “quebrada”, os policiais vieram vestidos de lixeiro. Vieram invadindo casa por casa, me pegaram junto com centenas de ladrões. Ele era um polícia e trabalhava de segurança no posto, eu não sabia que ele era polícia, atirei num “mão branca”. Além disso, a maioria das conversas é sobre tráfico, droga, mulher, dinheiro, como investir o dinheiro... E só assim: “ah, se você for comprar ‘uma fita’, não vai comprar tudo de roupa, compra um pouco de droga, aí você põe na ‘biqueira’, dá mais dinheiro”. Essas coisas. Acho que não tem como não entrar, porque é o dia inteiro isso. É o passatempo. Lá dentro a gente vive do passado. Acho que se a gente não lembrasse do que passou, todo mundo ficaria louco lá dentro. O que tem pra falar lá dentro é o passado. Você não vai falar como foi seu dia a dia, que todo mundo viu como foi o dia a dia. Querendo ou não, 68 ladrões pra você, são os 68 “na maldade”. Se você escorregar, todo mundo está vendo a caminhada. Se você fraquejar, se tiver medo, seja na hora da rebelião, seja quando a cadeia está em paz, você está marcando seu caminho. Porque todo mundo vê, ainda mais os organizadores do prédio, que são os “faxina”, e estão no controle da situação. Eles veem o dia a dia de todo mundo, porque eles estão ali fora também, então eles estão vendo quem é bom e quem não é. Quantos “salves”<sup>19</sup> chegam do fórum? Quantos não chegam? Pra quem chega? Se sempre chega para aquele, ele é um menino bom, aí vão pegar ele pra somar na “faxina”. Quando tem “bonde”, os meninos vão todos para o Fórum. Encontram “presos” de várias outras unidades: “Fulano de tal está lá? Manda um ‘salve’ pra ele”.

---

<sup>19</sup> Gíria bastante usada entre os adolescentes. Um adolescente “passa um salve” para outro por amizade, reconhecimento e simpatia por alguma atitude deste outro interno. As atitudes valorizadas costumam ser demonstrações de força, como não se intimidar perante os funcionários, não chorar etc. Quanto mais “salves” um adolescente recebe, mais reconhecimento e poder tem entre os outros. Já o “salve monstro” é uma retaliação ou até violência física, para depreciar atitudes de fraqueza ou covardia. Por exemplo, se um adolescente chora numa rebelião, recebe um “salve monstro” ao término desta, que pode ser uma agressão física; assim como os “corajosos”, os “mais fortes”, que enfrentam sem demonstrar fraqueza, recebem vários “salve” dos outros adolescentes e ganham respeito e mais poder na hierarquia da instituição.

– *O que faz um “faxina”?*

Daniel – Geralmente o “faxina” tem que ter um certo respeito por todos, tem que “estar concordado” por todos que ele esteja na “faxina”. Tem que ser do crime. Não tem que esconder nada de ninguém. Tem que ser representante da “quebrada”. Tem que ter uma voz aqui na “quebrada”, porque pra caminhada do cara ficar limpa lá dentro, ele já tem que vir com a caminhada limpa daqui de fora, entendeu? Tem um ditado que fala assim: “minha caminhada é vista e minha vida é um livro aberto”. Ou seja, todo mundo sabe o que eu faço e não devo nada pra ninguém: eu sou o crime e já era. E o seguinte: no crime, todo mundo tem a sua caminhada. E o seu trajeto, todo mundo vê. Tem pessoas lá em Venceslau que garantem: o cara é bom! Ou seja, nunca “deu milho na quebrada”, mancada, nunca caguetou ninguém, nunca ‘rateou’<sup>20</sup> nada de ninguém, pegou droga, nunca extorcou ninguém, nunca matou a troco de nada, nunca pegou mulher de ladrão... O “faxina” tem que ter uma disposição, tem que ser macho, tem que bater de frente, não engolir sapo, não aturar o que eles falam. Quando eles falam, o faxina reage: “pode matar eu ‘no coro’, mas é isso e isso e isso”. E quando você fala uma coisa, você tem que cumprir: “Eu não vou andar com a mão pra trás!”. Aí nós não andamos com a mão pra trás. Não adianta falar, eles percebem isso pela atitude, tem que “representar”, se alguém tiver apanhando tem que chutar a porta, tem que xingar, tem que mandar parar, tem que se manifestar. Eu fazia isso. Muitas vezes não precisava; precisava mais quando tinha rebelião.

– *Você não ficava com medo?*

Daniel – Olha, vou falar pra você, a gente fica com medo sim, mas os outros dão uma inspiração pra gente. Porque os outros estão olhando pra você ali no momento que você vai representar. Você fala: “se eu não representar, vou desonrar, os caras vão me tirar.” E o cara ali também já está agitado, com aquela adrenalina toda...

– *Quando a Choque entra, como reage o “faxina”?*

Daniel – Tem rebeliões só pra manifestar, então não teria necessidade da “Choque” entrar. Falam que ela entra pra revistar a “cadeia”, mas mesmo quando entra pra dar a revista, ela pega. Ela não perde tempo. Não entra pra brincar. Quando é a “Choquinho”, nós, faxinas, temos que ser a linha de frente. Nós temos que confrontar. A gente pega colchão, faca, e vai correndo. Se eles vêm correndo, a gente cruza. A gente se mata, vira um campo de batalha. Vai quem está liderando e muitos caras que estão ali

---

<sup>20</sup> Roubou, enganou.

com nós. E também tem muitos que não estão, que depois vão ser relembrados. Porque tem os “faxina”, tem os “primo leal” e tem a população. A “população” é de pessoas que não se envolvem com a massa [liderança: faxinas e barraqueiros], só que essas pessoas não ficam a par de nada, não sabem do que acontece na cadeia, não sabe de nada, não têm acesso aos telefones e às drogas. É a grande maioria, mas por ser grande maioria, não serve pra nada. Porque não sabem de nada. A gente não deixa saber de nada, não podem ficar em meio de malandro debatendo “fita” nenhuma... A rebelião não são eles que fazem, só se quiserem ajudar... Algumas rebeliões são organizadas com reunião com a população, pra contar o que vai rolar. Geralmente, nas primeiras rebeliões a população não participa, mas quando a população apanha, que ela vê que não tem jeito, então ela começa a participar também. Porque a porrada pela Choque é de praxe. A população sabe que, se ela invadir, vai apanhlar. Por isso, toda rebelião a gente tenta conversar com o diretor: “que não vai ter isso, que não vai ter aquilo....” Em caso de fuga, a mesma coisa. Só participa malandro, quem está envolvido. Rebelião pra tomar a cadeia também. E tem também “os primo leal”, os “sintonia”, a parte da população que é gente que todos os “faxina” gostam. Que sempre estão somando. Que tem um corre lá fora também... Porque lá, independente de qualquer coisa, você vale o que você tem. Se não vier uma roupa bacana pra você... fica complicado.

– *Onde são guardadas as coisas de vocês?*

Daniel – O que é de cada um é de cada um. Mas quando vem “jumbo”<sup>21</sup> de comida, fica na “barraca”. A “barraca” é um lugar adequado, que a gente escolhe, pra ser o lugar dos mantimentos. Só pode mexer ali se o “barraqueiro” falar pra pegar. E eles nunca vão falar: “pega lá”. Pode ser quatro horas da manhã, você está com fome, você tem que dar um “salve” nele, ele tem que escovar os dentes, lavar a mão e ir lá pegar. Tudo isso pra ter organização.

– *Tem alguma outra função?*

Daniel – Tem o “homem-boi”, uma pessoa que lava o banheiro. É ruim, porque se você chegar em outro “sistema” e perguntarem: “que ativa você estava?” e você disser: “eu era o homem-boi”, aí os caras: “você é pilantra”. Porque primário, quando chega, tem que passar pela atividade de homem-boi. Mas quem não é primário e é homem-boi é porque é pilantra.

– *Como é a revista?*

---

<sup>21</sup> “Jumbo de comida”: são as comidas trazidas pelas mães, namoradas, esposas e amigos nos dias de visitas.

Daniel – O colchão é tirado às seis horas da manhã e posto no “barraco” às dez horas da noite. Aí você acorda, dobra tudo, enrola tudo, até toalha vai pegar, aí abre um “barraco” por vez, aí saem em “formação” os 12 moleques com os colchões, as mantas, e deixam tudo empilhado, e pegam o kit. Tanto pra deixar quanto pra pegar o colchão e a manta você se troca, você tira a sua roupa, fica só de cueca, e pega o colchão e a manta.

– *Como foi sua trajetória dentro da FEBEM?*

Daniel – Depois da UAI, em 1999, fui para o Tatuapé, pra UE-X, fiquei quatro meses e alguns dias. Ainda em 1999, em julho, tinha só quatro meses que eu estava lá dentro, eu nem conhecia muito, e teve uma rebelião geral: o complexo inteiro ficou em rebelião. Eu fugi e fui embora pra minha casa. Nós acordamos e já estava tendo rebelião, já estava tendo as fugas. Foi o tempo de pôr as roupas e fugir também. Então, não vi muita coisa da rebelião. Só vi o tumulto e já era, saí fora. Eu nem tinha sido avisado. Quando fui ver, estava no meio de uma rebelião: fogo pra todo lado, tiro pra todo lado, bala de borracha, bomba de gás lacrimogêneo, eu no meio à procura da sobrevivência, à espera da liberdade e da vida. Eu fui no meio de todo mundo. Quando eu vi a rua, a tela, eu pulei, cheguei na próxima rua, correndo, sempre reto, uma hora ia acabar... E acabou, eu consegui meu objetivo: voltei pra casa. Eu voltei pra casa e só me acharam depois de sete meses. Eu caí em outro assalto, no artigo 157, em 2000. Aí eu fui de novo pra UAI.

– *Tinha mudado alguma coisa de 1999 para 2000 na UAI?*

Daniel – Não: a segurança, superlotado, todo mundo sentado, “valete monstro”... “Valete monstro!” “Valete monstro”... é quando a pessoa vai dormir, entendeu? Um vira pra um lado, outro vira pra outro, um vira pra um lado, outro vira pra outro que nem uma carta de baralho. Não tem o valete? Um do lado de cá, outro do lado de lá? Então, é a mesma coisa dos presos. E é “monstro” porque é muito apertado. E uma coisa muito violenta. Uma pessoa que é muito violenta dá origem ao termo “monstro”, no “vocabulário da criminalidade”.

– *É humilhante dormir na UAI?*

Daniel – É. Nossa Senhora! Você não consegue dormir nos primeiros dias. Está acostumado a dormir sozinho na sua cama, ou com uma mulher, e vai dormir com dois caras, um do lado de cá, outro do lado de lá, fora os outros... Mas você está prensado no meio de dois caras, com o pé de um na sua nuca e o pé do outro na sua cara... E a ducha é rápida... Só tem dez

toalhas pra todo mundo se enxugar... Teve vezes que eu torcia a toalha, porque estava ensopada.

– *Como é a semiliberdade?*

Daniel – É semiliberdade, não tem a segurança de uma FEBEM “normal”. O prédio é como se fosse uma escola, é um muro normal. Uma casa e um muro. Um muro com a segurança pra que ninguém invada. Mas eu não ia ficar lá. Tem muitos que vão chegando, outros que você já puxou cadeia junta. ‘Você está aqui há quanto tempo?’ ‘Seis meses’. ‘Nossa, quanto tempo’!

– *Pega mal com quem ficar lá?*

Daniel – É isso aí, tem uma cobrança dos outros internos. Quem fica lá é “vacilão”, está perdido na “quebrada”, tem que ficar ali. Também tem gente que não tem família e que fica lá. Aí o pessoal respeita, porque o cara não tem família!

– *Quer dizer que você não vai voltar lá com as suas próprias pernas?*

Daniel – Não volto nem “fudendo”! Primeiro, porque eu tenho família, não sou evangélico, apesar de respeitar quem é, e não estou com “treta” com ninguém na minha “quebrada”... Ainda que eu não deva nada pra ninguém, não quero ficar escutando “buxixo de cadeia” no meu nome. Eu tenho uma imagem a zelar entre os outros presos.

– *A unidade de semiliberdade é melhor do que as outras, em termos de infraestrutura?*

Daniel – Com certeza. O pessoal vive bem. Não paga água, não paga luz, não paga refeição, vive bem. Aqui fora, eu ainda estou tentando ir à luta. Estou tentando pagar água, luz. Estou tentando me manter. Lá, não, o pessoal quer pagar tudo pra mim, pra quê? Pra eu virar um vagabundo?

– *Mas lá você ia estudar...*

Daniel – Já estou terminando meu estudo, estou no 2º ano. Eu estava no 3º ano e voltei para o 2º, porque as papeladas não conseguem acompanhar o cara. Você vai de bonde e já era. Não dá pra acompanhar. Por exemplo: perderam meu histórico escolar na FEBEM... E pra arrumar um histórico foi muito difícil. Até que arrumou outro. Aí eu voltei para o 2º.

– *Teve que voltar pra aprender de novo ou não aprende de qualquer jeito na FEBEM?*

Daniel – Você aprende porque é inteligente. Que nem eu, eu aprendi porque sou inteligente. Se não, não aprendia.

– *O que você aprendeu?*

Daniel – Eu aprendi algumas coisas que já esqueci. Porque faz tempo que eu fui pra escola. Mas se eu ver tudo, eu vou aprender e lembrar.

– *Você tem vontade de fazer faculdade?*

Daniel – Lógico que tenho. É o sonho de todo mundo! Eu acho que é o sonho de todo mundo. Vou ver as minhas papeladas, tudo direitinho, pra continuar a estudar, sim.

– *Mas parece que a FEBEM ainda está atrapalhando a sua vida...*

Daniel – O advogado me disse que eu não precisava voltar. Me deu dez dias de prazo. Em dez dias, o pessoal vai vir atrás de mim. Quer dizer, vai mandar um ofício para o juiz e o juiz vai ver o que ele vai decidir.

– *Na sua casa alguém falaria onde você está?*

Daniel – Se vocês ligam aqui e eu estou na Marcia, minha mãe liga lá e vai me rastrear na rua.

– *Então é fácil te encontrar.*

Daniel – Não é isso. Sou eu que informo antes e só deixo me achar quem eu quero. Eu deixo a informação assim: “estou em tal lugar, só não estou pra desconhecido”. Aí, a pessoa me acha, mas é difícil me achar na favela. Já pegaram outros meninos aqui, mas nunca me pegaram.

– *E você pretende ficar assim até completar 21 anos?*

Daniel – Eu não quero ficar assim. Eu vou fazer meu “corre” pra eu ficar “de boa” na rua.

– *Vai tentar ver seus papéis com o advogado...*

Daniel – É essencial isso. Eu não vou conseguir ficar até os 21 anos correndo da polícia.

– *Mas você sabe que ter fugido prejudica, não é uma coisa boa...*

Daniel – Mas é só ver o que fizeram comigo! É demais querer jogar um interno de FEBEM dentro de uma cadeia e depois querer que ele assuma uma semiliberdade. Quem vai decidir é o juiz.

– Você foi pego pela segunda vez e ficou...

Daniel – Em 2000 fui pra UAI. Fiquei quatro dias na UAI e fui transferido pra uma UE, no Tatuapé. Teve rebelião, tentei fugir, não consegui, fui transferido pra Parelheiros. Foi ruim também Parelheiros, porque é cadeia...

– Como foi na UE? Tinha porrada?

Daniel – Tinha um acordo entre os meninos e os funcionários. A gente tinha o que era de direito, o que a casa oferecia: um curso, uma bola, um livre-arbítrio... Tinha roupa do mundão no dia da visita. Já Parelheiros era uma penitenciária, foi construída pra ser penitenciária.

– Como foi chegar lá?

Daniel – Medo, né? Como eu falei pra vocês: entra com medo e sai com coragem. Cheguei apanhando dos funcionários. Fui apanhando, cheguei apanhando, desci do ônibus apanhando. Fui com a Choque Interna. Apanhando de madeira. Madeira mesmo, não é cabo de vassoura! É pau de madeira de quatro quinas, a reboque, de reboliço... E aquela madeira de cabo de enxada. O “bonde” inteiro foi apanhando. Quando minha mãe me viu, eu estava irreconhecível. A cara estava toda inchada. Chegando lá, tem um corredorzinho que eles fazem, que eles falam que é “corredor da morte”, mas é suave. O importante é descer do ônibus, porque antes você fica de cabeça baixa e só toma bica na cara. Você fica de lado, eles dão bica de lado. Agora, em pé eles têm medo de bater, porque você vai olhar pra cara deles.

– Como foi Parelheiros? Muita porrada?

Daniel – Qualquer coisinha era “pau no gato”! Às vezes, acontecia alguma coisa, às vezes eles inventavam, às vezes não tinha a necessidade nem de dar um grito e eles já queriam “matar no côro”. Teve uma vez que eu estava com vontade de fumar, aí subi nas costas de um outro “mano” pra acender o cigarro, “estourar o capeta”<sup>22</sup>. Eu estourei, só que apagou todas as luzes da “galeria”. Aí os funcionários vieram bravos, olhando “barraco” por “barraco”. E o nosso “barraco” estava preto. A gente estava em sete. Um dormia “na praia” [no chão] e o resto nas “jega” [cama] Aí falaram: “É aqui mesmo!” Entraram e socaram todo mundo. De pau, de madeira, de corrente, “vichi”! Nós apanhamos de tudo aquele dia. De ferro, corrente... até de corrente! Nós tomamos umas correntadas na perna.

---

<sup>22</sup> Caso contrário seria obrigado a pedir fogo a um funcionário, coisa que se recusava a fazer.

– *Por que você acha que eles batem tanto?*

Daniel – Pra gente se intimidar, pra não querer confrontar com eles. Mas eles estão ligados que não funciona. De 100%, piora 100%.

– *E em Santo André, também tinha muita porrada?*

Daniel – Não, chegou lá estava suave. Tudo nosso! Estava tomado! Tinha visita íntima, tinha roupa do mundão, tinha maconha, tinha tudo.

– *Quais são as reivindicações quando tem uma rebelião?*

Daniel – Mais tempo de visita, visita de namorada no pátio todos os domingos ou sábados, roupa do mundão e uns materiais cosméticos, esses negócios de higiene como creme hidratante, escova, pasta de dente. A gente pede essas coisas, tudo do “mundão”.

– *Desta segunda vez que você foi pego, você participou de alguma rebelião?*

Daniel – No ABC eu participei de uma rebelião.

– *Mas estava tudo na mão de vocês. Então é rebelião pra quê?*

Daniel – Pra fugir.

– *Então vocês fazem rebelião porque estão apanhando e também pra fugir?*

Daniel – Se na hora que fez porque apanhava muito der pra ir embora, vai embora também. Mas eu não consegui fugir e fui “de bonde” de Santo André pra Franco da Rocha, pra unidade 30.

– *O que acontece depois de uma rebelião?*

Daniel – É “côro” e tranca. “Descascado”, pelado no “barraco”. Todo humilhado... De todas que eu passei, que nem sei quantas foram... Só em Franco foram mais de 40 rebeliões, já perdi a conta. Mas foi sempre assim: sangue e humilhação.

– *Essa do ABC, que você estava contando, foi quanto tempo de tranca?*

Daniel – Nessa rebelião, 16 “manos” foram pra Franco da Rocha, e eu fui um destes. Fomos de bonde pra Franco da Rocha, num ônibus, apanhando pra caramba. Chegamos em Franco da Rocha, os funcionários bateram em nós pra caramba e deixaram dois meses de tranca. Só um quarto pequeno, com capacidade pra um preso: uma cama de concreto, uma privada de necessidades, uma pia, um chuveirinho e a “ventana” [janela], pra você colocar as pernas no sol e tomar um “sol de capa”, que é só pela

“ventana”. A comida é normal e chega pelo “robocop” [fresta na porta que abre e fecha]. Eu ficava sozinho, sem visita, sem nada.

– *E a cabeça?*

Daniel – A milhão... Sempre teve “côro” em Franco da Rocha. Se eu chutasse a porta pra chamar o funcionário, ele vinha e “dava côro”. Mas se ficasse chutando direto, eles não iam mais, porque viam que não adiantava. Daí, eu saí para o “convívio”, fiquei sete meses, desci pra Franquinho e consegui fugir. Mas não teve rebelião desta vez.

– *Por que têm lugares com mais “côro” que outros?*

Daniel – Porque nos lugares que tem “presos” de mais “alta periculosidade”<sup>23</sup>, os funcionários têm medo da “cadeia” vir pra nossa mão e eles sofrerem as consequências. Então, eles lutam com todas as forças. E nós também lutamos com todas as forças pra conseguir ter “a cadeia”. É uma guerra. Os dois querem a “cadeia”.

– *Mas vocês, na verdade, querem ir embora da cadeia, né?*

Daniel – Lógico, mas eles não querem ir embora. Eu fugi sem rebelião, os funcionários ajudaram. Depois, fui recapturado.

– *Recapturado ou sua mãe te trouxe de volta?*

Daniel – Nunca voltei com a minha mãe, não. Depois que eu fui recapturado, fui pra Unidade de Franco da Rocha, onde tudo começou. Aí, eu vi onde estava. Porque nas outras, eu não via. Eu chegava e tentava fugir, tumultuava. Lá, não, já tinha os organizadores, tinha tudo, então eu só estava de meio de campo, armando a jogada. Já tinha uns líderes. Eu podia aprender mais, me influenciar para o mal cada vez mais. Era muito violento, era rápido, muito agitado o prédio. Tinha 60 internos em cada ala, e eram oito alas. Depois que a “cadeia” ficou na nossa mão, na primeira rebelião, não apanhei nunca mais. Mas a maior porrada que eu levei foi mesmo quando a cadeia estava na nossa mão. A Choque invadiu, tinha tido uma rebelião com uma manifestação na qual nós estávamos querendo falar com o juiz, com o corregedor, porque o tratamento estava escasso. Não tinha material de limpeza... Estava tudo quebrado, por causa das rebeliões. Aí, a Choque invadiu, e a gente tinha “levantado”. Aí a gente bateu de frente com a Choque. E a Choque pegou todo mundo. Todos os “faxina” e todos os “barraqueiro”. Barraqueiro é o cara que faz a comida, que serve a “boia”, é voz ativa. Só que a voz ativa dele é dentro do “barraco”, e a voz

<sup>23</sup> Classificação recebida pelo adolescente que reincide numa infração grave.

ativa do “faxina” é do lado de fora. Dentro do “barraco”, o “faxina” não pode falar, não apita em nada. Quem apita é o barraqueiro”. O “faxina” cuida da ala dele, transita pelos outros “barracos”. O “faxina” fica solto quando tranca<sup>24</sup>, varre o pátio, varre a “galeria”, vai lá pra frente, tem acesso às oito alas... O “faxina” é o coração da cadeia: passa o “salve”, faz os seus “corres” e é quem negocia com o diretor, aquela história: “quem dá mais leva”. Eu sempre fui “faxina”. Mas, continuando, nós estávamos solicitando um juiz corregedor e uma pessoa que constrói essas coisas de cadeia pra ver como era, pra ver se a gente mesmo podia ajudar a conser-tar as coisas... Mas teve a rebelião e começamos a estourar tudo.

– *Quando você entrou não entendia direito?*

Daniel – Não entendia direito. Só aqui fora que eu sabia o que era e o que não era. Lá dentro eu não sabia nada. Eu não decidi ser “faxina”. Foi com o trajeto da minha frequência, sempre indo para o sistema, vindo pra rua, entrando em contato com os caras no sistema. Ou seja, eles viram a lealdade, que apesar de eu ter saído e por mais todas as virtudes, eu não esqueci eles. E no dia que eu cheguei dentro do sistema mesmo, que eu vi, foi em Franco da Rocha. O cara que eu sempre conversei pelo telefone, sempre mandei um “jumbo”, era “faxina” geral. Foi aí que virei “faxina”. Muito menino falava: “esse cara é zica, é do pântano”. “Zica” é um cara que tumultua tudo. Quando eu entrei, fiquei 24 dias na UAI. Eu achei muito ruim na UAI, ficar sentado. É rápido, o certo são 60 pessoas e você ficar lá três dias, é o certo. Mas na verdade tem 600, 700, 800, você fica um, dois, três... seis meses dentro do negócio, sentado, sem falar, dormindo aper-tado. É “mó veneno”. Se você abrir a boca, o funcionário arrebenta. Era uma repressão absurda. Eu sentia cada vez mais ódio. Eu não via aquilo como uma lição, um aprendizado: “Isso daqui é ruim, eu nunca mais vou fazer isso”. Aquilo era ruim, mas eu não via como um aprendizado, era como alimentasse meu ódio cada vez mais, cada dia que eu deitava ali apertado, que eu acordava com o outro mijado, aquele cheiro, aquilo me revoltava cada vez mais, foi por isso que quando eu saí pra rua, eu saí num estado mais crítico, com a concepção sobre o crime mais pesada. Comecei a fazer umas coisas que eu não fazia. Comecei a usar umas drogas, roubar com arma, coisa que eu não fazia, comecei a ter meus negócios, minha família começou a pegar no meu pé, que eu não parava em casa, só dormia na casa dos outros... Foi aí que comecei a decidir ficar no crime um bom tempo, até conseguir o que eu queria, que era um carro, uma moto, uma casa... e parar. Só que a gente começa a conquistar muito. Quando a gente conquista um, a gente começa a querer mais. Mas agora não quero mais

<sup>24</sup> Na hora de dormir os “barracos” são trancados com os internos.

ficar assim. Meu sonho agora é viver em paz, ter a minha liberdade, é o que não querem me dar. É difícil “pra caramba”.

– *Como começa uma rebelião?*

Daniel – Uma rebelião começa com revolta. É o que você vê sempre na televisão. Ela começa através de humilhação, da desumanização dos funcionários... De tudo isso! A gente trama, dependendo da ocasião. Não é um bicho de sete cabeças, mas é difícil tramá. Dependendo, precisa de uma organização. Tem FEBEM que levanta a rebelião quando está na “mão dos funcionários”: “então, tal hora vocês agitam daí, e nós agitamos daqui”. Tem FEBEM que é: “vamos, vamos, é agora! (estrala os dedos). Põe os colchões ali na porta”. Começa a pegar fogo e, do nada, começa a aparecer na televisão, na tela: ‘rebelião em tal lugar’. Tem vários tipos de rebeliões. Tem rebelião que tem que fazer aquele roteiro, aquela trama toda, porque está na “mão dos funcionários”. Todo mundo tem sede pra saber como é... E é difícil, complicado, tem que ser muito inteligente, bolar altos planos. Quando tem rebelião, sempre o que está no líder, dando as coordenadas, fala: “Olha, uns tantos: vem aqui, pega uns colchões, queima ali na frente. Não zoa funcionário, viu, meu? Não zoa funcionário, não zoa funcionária! Ah!... Tem uns carrascos? Tem. Traz pra cá! Vamos levar pra cima do telhado, mas não mata, que tem maior aqui e depois vai pra cadeia...” Mas não é só assim, é mais “monstrão”: (falando mais alto) “Olha: vou levantar minha mão, pode jogar quando a Choque invadir. Olha: a Choque está vindo! Vou levantar! A Choque vai invadir! Levantei! Vou empurrar! Levantei a mão...”. E “pa”! Cai o primeiro funcionário lá embaixo. Aí, os caras da Choque falam: “Aí, meu! Se invadir vai morrer um por um”.

– *Geralmente vocês só pegam os funcionários carrascos?*

Daniel – Só os carrascos, os funcionários que gostam de bater. Mas também acaba machucando outros que não tem nada a ver com o “molho”. Nessa rebelião, foi bem isso: empurrar o funcionário. Aí tudo bem, fizeram o acerto, o diretor veio: “Tudo bem, vamos arrumar a cadeia de vocês amanhã, podem trancar todos vocês”... A gente ia ficar uns dias de tranca numa ala, outros dias de tranca em outra, até arrumar todas, em um mês. Aí a gente falou: “firmeza”. Liberamos os reféns, demos as facas. Daqui a pouco: a invasão. O Choque invadiu. Ele falou que não ia invadir, mas invadiu. Ele “pilantrou” com a gente. Aí, já fica a sede de outra rebelião. Invadiu e “arreganhou” com todos. A Choque bate com cacete, escudo e com as armas também, com umas 12... Cachorro eles não põem pra morrer. E gás lacrimogêneo, gás de pimenta, jogaram tudo. Aí, começaram a arrastar os faxinas, a chamar os nomes. Primeiro falaram: “se apresentem

os faxinas”. Ninguém se apresentou. “Se apresentem os barraqueiros”. Ninguém se apresentou. “Pega a relação lá”. O diretor puxou os nomes, o terceiro nome foi o meu. E foi pancadão em todo mundo, na frente de todo mundo! Só os faxinas e os barraqueiros apanhando. Por que a Choque só pegou os faxinas e os barraqueiros? Porque eles organizam a cadeia. Se eles falam que não vai ter rebelião, não tem. Se eles falarem que tem rebelião, tem. Eles são o piloto. Era a gente que era o piloto. Querendo ou não, todo mundo ali tem sua palavra. Se os 20 falarem “não” e um falar “é”, este um sustenta a palavra dele. Então, o que aconteceu? A Choque invadiu deslocaram meu maxilar, zoaram meu braço, me deixaram inchado, minha perna, cortaram minha cabeça, fiquei com uns cortes na cabeça, dois, três pontos. Você começa a ficar feio. Quando você cortar o cabelo careca, vai ter uns cortinhos. As meninas vão perguntar: “o que é isso?” O sistema faz você desgostar da vida. Mas a gente é forte e supera...

– *E depois de Franco da Rocha? Foi a Vila Maria?*

Daniel – Não, de Franco da Rocha teve a “fuga dos 130”. Só que dessa vez eu saí de liberdade. Só que fui liberado por um BO que já tinha cumprido, que era o “BO” passado, e tinha os outros “BOs”, porque eu já tinha fugido. Aí fiquei de “busca e apreensão”, fiquei uns dois meses na rua e fui preso de novo, sem dever nada, por causa de uns “BOs” de que eu tinha fugido. Aí os polícias aqui da “quebrada” forjaram o 157, já que eu estava devendo a eles. Aí fui de novo pra Franco da Rocha e estava “mó veneno”. Toda vez que um funcionário ia abrir os “barracos”, os caras tentavam tomar as chaves, abrir os outros “barracos” e levantar rebelião. Era na época que já tinha passado tudo, não davam mais a chave. Eles estavam querendo conter a gente querendo bater de frente. Foi perto do final de Franco da Rocha. Demorou quatro meses, eu fui de bonde pra Pirituba, onde consegui uma audiência com o juiz, e de Pirituba eu de bonde pra Vila Maria Y. Da Vila Maria Y, peguei bonde pra Unidade X, no Tatuapé. Da UI-X, bonde pra UI-T. Da UI-T, bonde pra Vila Maria X. Da Vila Maria X, fui pra cadeia, para o DP outro DP e voltei pra Vila Maria. Da Vila Maria fui pra semiliberdade, onde eu pulei a muralha e saí fora.

– *Como estava a situação lá?*

Daniel – Estava pesado e, antes das rebeliões, estava na nossa mão. (...) A gente perdeu o controle. Teve gente que cagou onde faz a comida da cadeia, olha que fita! Teve gente que destruiu as salas das técnicas, teve gente que fez o diabo a quatro, queimaram tudo, botaram fogo na portaria... E tinha um monte de refém, tudo funcionário, mas nenhum foi ferido. Eu

estava na Caixa d'água, de “ninja”<sup>25</sup>. (...) O acordo foi o seguinte: estava chegando a Choque, chegou polícia, o diretor. Aí negociamos. E conversa daqui, conversa dali... Aí nós começamos a economizar colchão. Um colchão, deixava queimar... Depois outro colchão... Tinha dois pelicanos [helicópteros] voando, “uma pá” de emissora... Porque a rebelião foi “monstra”, 130 conseguiram cair na rua, que nem Franco da Rocha. Voltou uma cota, porque alguns que foram pelo sentido da Marginal, aí a viatura vai passando e encostando. Aí, o diretor estava bravo porque a sala dele era o xodó dele, tinha medalha, tinha uma pá de barato, a sala do cara era “da hora”... A sala do cara pegou fogo! Tinha uma bola de beisebol, uns tacos malandreado, autografados. Meu, o cara queria morrer! Ele ficou brabo, bravo. Ele nunca tinha falado assim com nós: “seus desgraçados, vocês tinham mais privilégios que meus funcionários, vocês subiam na minha sala e tomavam café!”. E nós: “demorou, faz o que o senhor quiser, não fica xingando a gente que nós não vamos xingar o senhor, que a gente é homem”. Porque diretor é assim: nada de xingar, porque ele pode “encarquerar”<sup>26</sup>, acabar com você dentro do sistema. Então: “nós não queremos nada com você, não”. E desta vez, a gente não queria nada, a gente tinha tudo! A gente estava com tudo na mão, só levantamos por causa dos caras que estavam apanhando na frente da população. A gente só falou pra não deixar a Choque invadir. Aí a Choque não invadiu. Invadiu os MIB. São os funcionários. Puta, mas é muita gente, mano! Só não é mais que a Choque, que a Choque vem armada. Mas são um grupo de 35 caras de preto, uns caras “monstrão” mesmo. Eles entram assim, de “pavilhão” em “pavilhão”. Aí o diretor entrou, entrou um pessoal, nós fomos pra um pavilhão só. A gente tinha feito o acerto ali na hora. Aí: “bota todo mundo lá no módulo 3”. “Firmeza!”. Aí, todo mundo com camiseta na cara, a emissora com “pelícano”, uma mina subindo em cima do muro, tentando tirar fotos: olha que “fita”, os cara dá mó sangue! Aí, chegamos os faxinas e falamos com a população: “Olha, o bagulho é o seguinte: Nós falamos que concordamos, mas se vocês falarem que não concordam a gente chega lá e já era. Porque a caminhada é a seguinte: ou nós acabamos de derrubar a cadeia pra desativar de uma vez, ou é isso, porque a gente não tem mais nada que pedir, todo mundo vai sofrer um montão depois...” Aí ficamos num módulo só, e tentamos “muquiar” [esconder] as coisas: celular, drogas, facas. Primeiro entrou uns funcionários, que pagaram uma boia pra nós. Depois da boia, vimos passando na tela, maior “sinistragem”: a cadeia toda destruída e as imagens da guerra. E nós: “Olha eu ali, olha, está

<sup>25</sup> “Ninja”: o adolescente está de ninja quando usa panos para cobrir o rosto, mantendo apenas os olhos para fora.

<sup>26</sup> “Encarquerar” é atrapalhar, detonar.

lá...”. Aí entrou uns funcionários: “é, destruíram tudo...” Entrou dez funcionários pra trocar uma ideia com os faxinas. Um clima estranho. Só sei falar uma coisa, que escutei uns barulho de bomba: pum, pum! Aí, quando fui me deparar eu já tinha perdido o “biriri” [celular], já estava com o coco rachado, estava zoadado, estava “zoadão”! Foi corrente, barra de ferro, madeira quatro quinas. Tinha umas madeiras com os nomes “aiaiai”; “não foi eu”; “ai, senhor”. Aí, zoou todo mundo, porque primeiro eles entram esculachando quem eles toma pela frente, até “descascar” [tirar a roupa]. Quando fui me ver, estava com um cortinho pequenininho, só que sangrou pra caramba, estava com um corte atrás da cabeça que o sangue escorria pela testa. E os caras também com uns rachados bem “monstro”, maior que o meu, com o olho roxo e tal. Aí os cara começaram a chamar, de dez em dez. Aí: “vai lá pra a salinha”. E “Salve, monstro”! Isso geralmente é de dez por vez. Só que dessa vez não teve isso. Dessa vez os funcionários falaram: “a população desta cadeia é da hora, o que é ruim desta cadeia é os “faxina”. Aí: “quem é o fulano? Quem é o cicrano? Destaca”. “Quem é o X? E irmão dele, aquele desgraçado Y”? Aí meu nome foi o oitavo a cantar. “Cola” [vem cá]! Ai eu “colei” e: “Descasca! E vocês: vão lá pra frente!”. Aí nós fomos para o módulo Y. As assistentes sociais todas vendo nós “zoadões”. Aí, os funcionários: “se retirem as mulheres, por favor”. Aí, as assistentes se retiraram e teve outro “salve monstro”. Meu! Eu fiquei indignado! Na frente da minha assistente! Aí colocaram nós na “galeria”, na “radial” [“corredor”] que dá acesso aos módulos. E “salve monstro”. Aí “zuou” de vez, que os caras eram sem perdão. E eu tenho um problema no maxilar, desloquei em Franco da Rocha, por causa de um “pirriu” [funcionário da segurança] também. Aí, novamente foi deslocado... Um desgraçado deslocou meu maxilar e eu tive que ir para o hospital, bem à noite. Aí cheguei no maior “veneno”: sem colchão, sem nada, muito frio... Ficamos assim uns dias, só depois de uns dias liberaram cobertor. A gente tinha que mijar numa garrafa de refrigerante. Ficamos assim um mês, na tranca total, sem tomar sol, só com as pernas pela janela pra pegar um solzinho... Depois de um mês, eu ainda estava bem feio, com o cabelo cortado, pálido. Estava todo zuado, o outro com o braço quebrado. Só estava saindo de dois em dois “barracos” pra tomar sol. E estava frio, não tinha sol pra tirar a camiseta. Um frio, eu de bermuda e camiseta, o banho gelado, à noite, rapidão. Sacanagem. No maior frio! Todo mundo tomando banho gelado e à noite. Passava pelo funcionário e, se não pedisse licença, apanhava. “Mão pra trás, cabeça baixa!”. Era um pavilhão só dos “faxina”. Aí, a pegada era a seguinte: a gente ficou duas semanas de “coruja”<sup>27</sup> e no quarto dia pagamos umas mantas, uma pra cada um. Ficamos

<sup>27</sup> Na espreita, ligado, praticamente sem dormir.

duas semanas e meia assim. A “necê”<sup>28</sup> pagava no “boi”<sup>29</sup>. Tinha que dar um “salve”: “Faz favor, seu funcionário: pagar a ‘necê’”. Tinha hora pra fazer o “barato”, eles humilhavam. Também tinha “côro” toda noite, tiravam a gente do quarto pro corredor e “côro”. Depois de 15 dias, eles liberaram a roupa. Já chegaram “representando”: duas meias pra cada, moletom e tal, escova de dente, pasta de dente, sabonete. Fazia muito tempo que a gente não cortava o cabelo, nem a unha, não escovava os dentes. “Bagulho” tipo “monstro”: quando um ia falar com o outro tinha que colocar a mão na boca. Quando todo mundo se recuperou, aí começou a entrar visita. Abriu o “barraco” 1 pra ir pra a escola, meia hora. Eu estava no “barraco” 2, aí um cara do “barraco” 3 deu um “salve” pra usar o banheiro. Quando foi, um já saiu com a faca e já tomamos! Foi coisa de meia hora, só para o diretor ver que o bagulho era nosso e que ele agiu na maior pilantragem quando falou que não ia ter esculacho. (...) Só que o diretor agiu na crocodilagem. Trancou nós de novo. Aí, quarta-feira eu passei o recado, só em números<sup>30</sup>, quando acabei de dar o último gole de misericórdia, saquei o cigarro pra fumar, e já estava ouvindo o PX<sup>31</sup> do funcionário “Tal, tal”. Aí, o coordenador: “Tal”. O cara tentando abaixar e nós ouvindo. Eu já colei e falei: “Na moral, o bagulho já é todo nosso”. Apresentei uma faca que os caras disseram: “De onde saiu? Caralho, mano! Revista todo dia essa porra!”. Com revista todo dia, mesmo assim a gente achou uma faca, num “camoflo” [esconderijo]. Achamos umas 15 facas, uma mais bonita que a outra. Aí, firmeza, já pegamos. Já era: “levantamos o barraco”. O que a gente queria era voltar para o convívio e melhorar umas coisas. A gente falou pro diretor: “a gente errou com o senhor, a gente sabe, mas a gente só quer respeito, só visita no pátio e tranca aberta. Aí eu, trocando ideia com o diretor da Vila Maria, acertei que o diretor não ia mandar ninguém de “bonde”, não ia ter esculacho. Aí o diretor geral: “reúne a cadeia”. Depois de um mês, reunimos a cadeia no módulo Z. O diretor falou: vocês vão permanecer no módulo Y, e assim que reformar o módulo X vocês vão pra lá. “Firmeza!”. Nós já pegamos um monte de roupa nova, umas camisetas pra “pagar a visita”, depois “pagamos a boia”, tal. Chegou 22h, nada da tranca, então deixamos trancar pra dormir. Quando trancou, eu estava escrevendo uma carta pra “gata”, no maior sentimento, o que me acontece? Quando olho para os “Robocops”, os “Robocops” se abrindo: Era a Choque. Aí já chegaram os caras com a lista: “todo mundo descascado! Coco no chão, cocota!” (...) Todo mundo no pátio, “descasca-

<sup>28</sup> Necê: necessidade de ir ao banheiro.

<sup>29</sup> Boi: Banheiro.

<sup>30</sup> Existe um código para comunicação no qual números representam letras.

<sup>31</sup> Rádio de comunicação interna.

do”: “fulano de tal, nome do pai, nome da mãe, algema”. Algemava dois, iam os dois dentro do ônibus. Aí nós “ficamos no côro”. Toda hora que nós íamos assinar uma papelada, era “salve monstro”, da GOE. Entramos na sala, os caras da Choque: “Já era. Mata mesmo, vai! Querem levantar rebelião seus demônios, seus desgraçados, vai segurando...”. E arrebenta, arrebenta, arrebenta até dizer chega. Apanhar é parte da rotina do sistema, mas a Choque é foda! Então, foi depois desta segunda rebelião, em 2004, que eu peguei meu bonde pra fora da FEBEM. Fui pra cadeia.

– *Como é a mídia numa rebelião?*

Daniel – A mídia ajuda e atrapalha. Quando a cadeia está na “mão dos funcionários”, que os funcionários estão arrebentando muito, ela ajuda. Ela denuncia, mostra as torturas. Mas, só quem está lá dentro mesmo pra ver, pra sentir na pele você em cima de um telhado com um refém, com uma faca... Nesta situação você ver a reportagem ali, pertinho, gravando falando umas grossas de nós, eu vou falar pra você assim: é como se a gente estivesse num zoológico. A sensação é assim: sabe quando a pessoa passa curiosa, “nossa, aquele ali”, e toma cuidado até pela grade? É a mesma coisa. Ali é um parque, só que é um parque dos “monstros”. É outra pegada. É ser humano. Na reportagem parece que a pessoa não entendeu nada. Todo mundo, quando vê a rebelião, fala: “Ohhh”. Agora, como pode ter tanta curiosidade de ver? De parar, ver horas e horas a rebelião ali... Por que atrai ela, se é tanta discriminação de ladrão? O pessoal ralha mesmo, olha que nem zoológico, chega com medo... e o que sai na mídia é falando mal. Mas eles não falam o porquê do motim. Eles falam: “rebelião no complexo de Franco da Rocha, onde os internos estão quebrando tudo”. A mídia não fala porque a gente está apanhando e não fala que gente tá sofrendo, e por isso se rebela.

– *Os meninos que saem da FEBEM, vão pra cadeia e depois voltam pra a FEBEM, mudam a rotina da FEBEM?*

Daniel – Muda o sistema da FEBEM, porque a partir daquele momento ele pôr o sistema de cadeia, que é mais organizado, mas é mais rígido, mais rigoroso, e muito mais perigoso. Porque você se envolve com umas pessoas mais atualizadas no mundo de hoje, no mundo do crime de hoje. É se ligar no partido, em facção. essas “fitas”. Você passa a ter mais envolvimento.

– *A facção às vezes pede para a FEBEM não entrar em rebelião?*

Daniel – Pede pra ficar de boa, pra estar na paz: “Vamos organizar direitinho!” e tal. “Se é pra fazer, vamos fazer todo mundo”. Não é uma organi-

zação? Então! É todo mundo, pra não dar espaço pra eles [os funcionários e policiais].

– *É melhor para os internos esta entrada da facção nas unidades da FEBEM?*

Daniel – Com a entrada da facção melhorou 100%. (...) Porque ela é que melhorou o sistema penitenciário. Agora, na FEBEM, não sei se vai melhorar. Porque se vai melhorar, vai melhorar é a mente de progressão de criminalidade. Porque melhorar pra pessoa procurar um emprego e virar um cidadão civilizado não melhora. Vai melhorar pra atualizar a mente do interno, que no futuro vai continuar na vida louca.

– *Tendo aprontado tanto, mesmo assim você acha que você merece sair da FEBEM?*

Daniel – Mereço, lógico, porque infelizmente, não que eu esteja jogando a panela. Mas, na verdade, vos digo, foi ela que fez um pouco disso também. Quando eu estava no sistema, estava revoltado, e ela faz parte disso também, da minha revolta. De tudo o que eu fiz, foi por causa um pouco dela também... Foi por causa do “anti-apoio” da família também. A gente não pode contar com tudo que pensa, entendeu? Aí, acaba caindo. (...) Lá [na FEBEM] você não aprende a progredir. Você aprende a progredir para o lado ruim, mas para o lado bom que é bom, não. É guerra. Pra você progredir para o lado bom, você tem que guerrear com quem? Com o sistema. Você tem que guerrear com os caras. Porque os caras vão ver e vão ficar com inveja. Vão falar: “Olha lá, tá indo pra frente o cara”. Vão falar: “Porra, sai daí meu, você é passarinho? Você é cagueta<sup>32</sup>”? “Porra, você caguetou uma rebelião, meu. Porra, você vai morrer cara”! Então, é uma guerra. Se você não pode com eles se junta a eles, não é isso? Então! Se junta a eles e tente ser melhor do que eles! Quem sabe você, sendo melhor do que eles, você “pa”.

– *Que mais a FEBEM faz que ajuda o menino a ficar revoltado?*

Daniel – Essas transferências de FEBEM pra cadeia. Esses funcionários que nem terminaram o segundo grau ainda e entram sem nenhum preparo. É um ignorante, sabe? Essas funcionárias que se jogam pra cima dos moleques, sabe? Estas mulheres de 35, 40 anos, entendeu? Rola um assédio nervoso destas coroas enxutas, bonitonhas. E os menores não deixam passar. Tem muito cara que fantasiou isso e fala como se fosse realidade. Mas tem muitos casos também, como muita gente já ouviu falar, que uma funcionária se esbanjou por um menor. Gostou de um menor. Aí pode até

<sup>32</sup> Cagueta: “Dedo duro”, que conta informações dos adolescentes para os funcionários.

não ser assédio, mas tem muito assédio também. Agora, estupro não. Mas tem alguma coisa maior. Como, por exemplo, uma funcionária que pode obter relações sexuais com um interno. Aconteceu? Com certeza. Não é em todo lugar. É como celular, pinga, maconha. Não tem em cadeia em “mão de funcionários”. Se bem que, às vezes, mesmo estando na “mão dos funcionários” sempre tinha uma maconha no pagodinho, uma cantada no “biriri” ali... Que é o celular, entendeu? E é raro, mas tem também funcionário homem que estupra menor. Teve um caso lá em Franco da Rocha. Mas depois ele se fudeu. E nem precisou de rebelião, ele foi pra cadeia. Se fudeu nos métodos legais.

– *E entre meninos?*

Daniel – Já teve, há muito tempo atrás. Alguns casos. Claro, se eu falar pra você que não vi, estou mentindo, mas foram poucas vezes. E eu vi revolucionar também. Eu vi ter e depois não ter mais. Que nem, se você for agora na Vila Maria 1, não existe mais. Hoje não tem mais. Não que proíbam, que se um viado entrar pra cadeia ele vai ser o que ele era aqui fora. Ninguém vai ser contra, nem a favor. Vai ser mais um da população. O que vou fazer se eu estiver “no piloto” da cadeia? Que Deus me livre e guarde, porque não quero estar, estou dando uma suposição. Eu vou marcar caneca, vou marcar a roupa, eu vou marcar a colher, vou marcar tudo que é dele.

– *Com medo de pegar alguma coisa?*

Daniel – Não, pra deixar marcado.

– *O cara vai virar “seguro”<sup>33</sup>?*

Daniel – Não vai virar “seguro”, ele vai virar só “caneca marcada”. Só vira “seguro” se a cadeia não estiver organizada. No meu “piloto” ele só vai ter a caneca porque ele não deu motivo nenhum pra virar “seguro”. Eu vou dar colher, copo, as coisas que todo mundo usa e vou dar pra ele individual.

– *Por causa de doenças como AIDS, estas coisas?*

Daniel – Com medo de pegar nada, que não é assim que pega. É preconceito puro. É preconceito porque o cara fazia de tudo lá fora.

– *Então a organização contém um pouco de perseguição...*

---

<sup>33</sup> “Seguro” é o adolescente que não pode estar no convívio com os outros por acreditarem ele deu alguma mancada. Ele é ameaçado de morte. Numa rebelião, às vezes é usado escudo e refém.

Daniel – Às vezes, o “seguro” é ameaçado de morte. Tem cadeia que viado vai para o “seguro”. Se tem organização, isto não acontece. É só marcar as coisas do cara e pronto. Só vira “seguro” se a cadeia não estiver organizada.

– *Como está aqui fora?*

Daniel – Eu queria “dar um pião” [passear] ... Descer ali na escola, catar umas “mina”... Foda, mano! Não tem uma roupa. O bagulho pesa pra caralho!

– *Tem que ter roupa e motor pra dar uma volta?*

Daniel – Não é que tem que. Mas, porra! O motor, se tivesse, ia quebrar um galho. E eu, sei lá, já acostumei a andar de moto. Faz tempo que eu não ando. Sei lá, acho que esta é a minha fantasia. Eu queria descer ali embaixo de moto e catar umas “mina”.

– *Você tem alguma “mina”, agora que está sem motor?*

Daniel – Tenho, eu vou sair com uma hoje, tem a Márcia, que eu durmo na casa direto. Até tem umas meninas. Mas não é a mesma coisa.

– *Como você se sente, hoje?*

Daniel – Estou muito feliz, mas também estou muito triste, ao mesmo tempo. Eu estou triste porque estou sem os baratos que eu tinha... minhas roupas... Gastei tudo que eu tinha na cadeia, é mais caro ficar lá que aqui fora. Eu estava preso e por mais que eu fizesse os “corre” pra ganhar dinheiro, precisava de um telefone, precisava fazer entrar alguma coisa lá. Aí, gastava. Por isso é mais gasto. Tem o gasto com comida... Sabonete, estas coisas, não tem quem dê. Se você tem dinheiro, vem pra você, se você não tem, você vai passar necessidade. Você vai passar fome... Tem dia que não vem “bandeco” [refeição], não vem boia, não vem alimento, não vem nada. Fica o almoço e janta sem vir nada o dia inteiro. Em todo distrito policial que eu passei foi assim. Sabonete não tem, colchão não tem, manta não tem e roupa não tem. Não tem nada. Se você chegar pelado e não conhecer ninguém, você vai ficar pelado. Porque não pode trazer a roupa, estas coisas, “de bonde”. Por exemplo, eu estou numa FEBEM e tenho roupa. Se tem rebelião, cadê minha roupa? Sumiu. Os funcionários pegaram. Fui pra outra FEBEM... Minhas roupas? Sumiu. Meu dinheiro? Sumiu. Meu “corre”? Sumiu. Os contatos dos meus “corre”? Sumiu. Meu celular? Sumiu. Eu fui de bonde pra outra FEBEM. Novamente, roupa, dinheiro, “corre”... novamente, tudo. Rebelião? Novamente, some tudo. Fui pra cadeia? Some tudo. Eu não vou de bonde

com celular, dinheiro, sem eles tomarem. Tem que deixar tudo lá. E se eu for liberado, também, fica tudo lá, para os caras. Eu acabei, com todo esforço pra evitar, saindo endividado. Uma dívida fraca, na “boca”, ali embaixo, de 100 reais.

– *Como fica agora?*

Daniel – Não tenho nada. Agora tem que ver direitinho como é que eu vou ficar.

– *Você vai “fazer corre”?*

Daniel – Tem que ver. Tenho que ver um trampo. É foda. Eu sei que o que eu passei é fichinha, é pouco. Eu conheço “as fita” de cadeia, mesmo não sendo do ramo. É foda. O bagulho não é fácil não, pra quem mora na favela. Não é fácil.

– *É melhor ficar sem camisa aqui fora ou ter várias lá dentro?*

Daniel – Eu quero ter este progresso de preferir ficar fora.

– *Qual foi o pior momento que você passou na FEBEM?*

Daniel – O pior momento foi ter que “pagar visita” sem camiseta. O pior momento da minha vida. Tinha tido rebelião. Vesti uma bermuda molhada. Não pode, meu. Não pode porque os outros internos não gostam. Só que todo mundo estava sem camiseta, mas é desrespeitoso com as visitas. Mas todo mundo estava, não tinha como mesmo...

– *Mas isso é pior do que apanhar aquilo tudo?*

Daniel – É pior. Porque a gente é homem, é forte. Apanhar não tira a moral de ninguém.

– *Mas a camiseta dá moral pra alguém?*

Daniel – Dá moral. Porque aquela pessoa é a pessoa que está vindo te ver. É a mãe, a mulher... A gente quer estar bem.

– *E o melhor momento que você passou na FEBEM?*

Daniel – O melhor momento que eu passei na FEBEM foi uma visita íntima (risos). É especial porque ela falou que eu realizei o desejo dela, entendeu? E ela chegou ao ponto do orgasmo! Foi “da hora”! Foi a melhor “fita” que eu passei na minha vida. Que a “mina” se apaixonou. Queria voltar todo domingo. Só que não dá, né?

– *Se você fosse dar um recado pra um menino que está no mundão, roubou e está chegando na FEBEM, qual seria?*

Daniel – O recado que eu dou é que o aprendizado é de 1000 graus. O sofrimento é constante e a luta é difícil. Quem quiser praticar esta luta, quem quiser correr atrás da fama do crime, a porta está aberta. Só que a porta está aberta só pra entrar, pra sair é difícil, entendeu? Eu, mesmo aqui fora, mesmo falando que saí, a porta continua fechada. E eu continuo batendo nela...

– *E para uma mãe?*

Daniel – Uma mãe está tentando de todas as maneiras. Procurando, tentando ajudar o filho a sair desse mundo e não está achando a solução. E a solução pra isso é o tempo. Nada melhor do que o tempo. Não adianta ela querer dar o que ele quer. Porque ela vai dar um carro, ele vai querer uma moto. Ela vai dar uma moto, ele vai sempre querer e não vai procurar os objetivos dele através de um emprego. Ele vai querer procurar os objetivos através de um roubo, pra se manter e pra manter a fama na “quebrada”. Ou seja, a atenção da mãe é sempre boa, mas não dá pra pensar tanto num emprego, num serviço. Não dá. E saber também que o sistema não modifica ninguém, não oferece nada a partir de que a pessoa possa se recuperar. A recuperação tem que sair dela, não sai do sistema. Quem entra roubando uma galinha sai roubando um banco.

– *Como você definiria a FEBEM?*

Daniel – A FEBEM é uma experiência de vida ruim, com ensinamento ruim, para o crime, e todos os meus progressos, não foram pela FEBEM, mas sim por mim. Se eu quis escrever um livro, não foi pra memorizar a imagem da FEBEM, porque isso jamais vou fazer. Foi pra memorizar a minha imagem, que eu estava passando, e ainda estou, por situações difíceis. Mas eu sou forte, vou superar. Porque se eu superei ficar lá dentro, se eu superei sair vivo de lá de dentro firmão e fortão que nem eu estou, eu vou continuar firmão e fortão.

– *Como você começou a escrever o livro?*

Daniel – Foi em 2003, eu estava numa tranca, tinha acabado uma rebeleião. Estava numa situação deselegante, num sofrimento constante, sofrendo mesmo. Tudo começou numa parede, eu comecei a escrever uns versos numa parede, depois comecei a escrever numas folhas de cartas, até que eu fui de transferência pra outro lugar, onde fiquei de tranca 24 dias sozinho. Foi aí que comecei a escrever mesmo, porque eu estava pre-

cisando de consolo, de alguém que me consolasse. Com o livro, eu falava com personagens que vocês conheceram.

– *Por que mãe é sagrada?*

Daniel – Na visita, na maioria das vezes, quando tem algum tumulto, só quem pode chegar pra ver o interno é a mãe. A mãe é sagrada porque pôs a gente no mundo, e é um carinho muito grande que a gente tem por ela... A grande maioria pensa assim. Minha mãe vinha de 15 em 15 dias porque era muito corrido, mas era sempre um prestígio quando ela vinha. O que estava acontecendo dentro do prédio eu não falava, ela que via quando eu estava machucado, mas ela passava as informações daqui de fora: quem perguntou, quem deixou de perguntar, quem morreu, quem matou... Basicamente, falava o necessário: que todo mundo estava bem, mandava uns recados... Era emoção quando ela ligava, porque era a cada 15 dias. Nesses 15 dias eu fazia minhas manobras e deixava aquela semana reservada só pra ela, não pras meninas.

– *Você já quis parar?*

Daniel – Eu quis continuar no crime porque não foi o suficiente o que eu tinha adquirido. É a ambição. A primeira vez, quando fui preso, foi dentro de um carro roubado, dirigindo. Caí pelo 157. Não tinha sido eu nem nada. Roubaram, me entregaram, e eu fiquei andando dois dias sem parar. Na segunda vez, eu já estava roubando com arma.

– *Você não ficava com medo de que, com uma arma, pudesse matar uma pessoa?*

Daniel – Eu não ficava com medo, porque naquela hora eu estava protegido. A hora que eu estava armado era a hora que eu mais achava que eu estava protegido. Ninguém poderia tirar a minha vida. Ninguém podia me levar preso... Eu estava me enrolando mais, mas eu não enxergava essa realidade.

– *Você gostava?*

Daniel – É gostoso. Porque você vê o dinheiro ao vivo, você pega o carro, a mercadoria, você está pegando o dinheiro ao vivo. É gostoso, dá prazer quando você consegue. Quando você sai, você entra dentro do carro.... é gostoso. Dá prazer. Mas ao mesmo tempo dá medo que se transforme numa coisa de apetite.

– *Vicia?*

Daniel – Não é que vicia. Mas que você acha uma coisa normal, você consegue fazer vários assaltos. Tem assalto que você tem que fazer no maior

sigilo: terno, gravata, abraça, “dá licença” e tal. Tem assalto que você já tem que escandalizar: “deita no chão e tal e pá”. E tem assaltos que você tem que usar a inteligência, como o sequestro-relâmpago. Você tem que usar a inteligência porque tem cartão muito bom hoje em dia, sem limite. Então, dá pra você entrar dentro do Shopping Center Norte com a vítima. Mas aí você tem que ter... Eu já fiz isso. Você tem que investir nos negócios, nos assaltos. Aparentar, não tem nem como, porque quem vê, sabe que é ladrão. Porque marginal tem estilo pra andar. Marginal sabe se vestir de um jeito que todo mundo olha. O cara chama atenção. Onde ele chega, todo mundo: “Olha o cara...” Tem que investir em vários negócios pra fazer um assalto bem planejado, um sequestro bem feito. Tem uma família dentro de um carro, com o cara armado. Desce alguém com o dono do cartão: “Escuta! Se eu apertar este botão do celular, ele vai tocar e este mano aqui no carro com a sua família não vai atender, vai agir direto, entendeu? Já era. Não vai fugir nem dar na vista!”. É monstro.

*– Você chorou alguma vez de arrependimento ou medo?*

Daniel – Eu não chorei, mas fiquei com muito receio, uma vez que a gente estava dentro de um sequestro-relâmpago e a criança falava que não era a hora dela, que ela não queria morrer e tal. A mãe dela falando que podia levar tudo o que quisesse. A criança tinha quatro anos de idade, só que eu não podia falar nada, porque o chefe mesmo, o piloto da quadrilha, estava no sequestro. Eu não podia ficar com receio, não podia apparentar ter medo, eu tinha que mostrar sempre... mas no fundo eu estava ali, eu vi um pouco de mim. Eu falei: “pelo menos não estou infiltrado 100%, pelo menos aqui dentro ainda tem algum sentimento”. E o chefe mesmo era louco. Falou: “se a polícia parar eu mato todos vocês e depois me mato, que pra cadeia não volto mais”. E todo mundo ficava em choque, em pânico. Tanto é que eu até parei de roubar com ele e comecei a roubar sozinho.

*– Você já foi obrigado a fazer alguma coisa sem querer?*

Daniel – Eu fui obrigado a bater num homem sem que eu quisesse, que eu via que não tinha motivo. Mas eu fiz, estava começando e tinha que cumprir ordens. Mas, passou o tempo eu comecei a fazer meu próprio negócio. Era a mesma coisa, mas era eu quem mandava. Porque independente de qualquer coisa, você não pode mostrar tranquilidade. Se mostrar tranquilidade, a vítima vai se iludir, todas as vítimas. Na hora só existe uma vítima. É sempre a mesma reação. Na hora que saca arma e diz: “é um assalto”, a primeira coisa que a vítima faz é um respiro forte, pra dentro. Todas! A primeira vítima teve a mesma sensação de todas as vítimas

que já foram roubadas. E assim que eu penso, porque eu vi. Vi o primeiro olhar em uma e o mesmo olhar em todas.

– *Qual o medo mais forte?*

Daniel – Quando chega a Choque, que dá um medo, que você fala: “agora eu posso xingar, eu posso fazer tudo, que agora eu vou apanhar que nem cachorro”. Quando você está ali no pátio, “descascado”, e você está amassado, sentindo o suor de todo mundo, você está vendo chamar de dez em dez, você está vendo os grito dos caras, você está vendo o cara sair com o “pote” [cabeça] rachado, você está olhando, e daqui a pouco é mais dez, aí chama, “daqui a pouco sou eu”, “a minha fila é a próxima...”. Você fica ali, vendo todo mundo apanhar feio. Não é tranquilo. É na frente que batem. Eles vão chamando e os que ficam mais “zuados” já vão do pátio para o P.S. [Pronto-Socorro]. Os que ficam mais ou menos saem do pátio pra tranca. É onde a sua vida passa, onde você sente o arrependimento, onde você fala: “agora eu paro”. Depois que acontece tudo os caras comentam, conversam: aí já era. A cadeia já estava na maior guerra e aí começa a pior destruição. A destruição dos internos. É onde chegam os “salves”, onde começam a gritar dos outros pavilhões: “fulano de tal chorou, fulano de tal foi pro ‘seguro’”. Porque tem o lema: “é homem, não pode chorar”. Você não pode chorar. Na hora dava vontade, não por medo, mas sim porque é o maior sofrimento. Naquela hora você se vê no sofrimento, você sabe quem é você realmente. Porque nas outras horas, as horas que você está com os comparsas, você não se vê, você se mostra. Tudo você quer estar a par, quer dar opinião. Suas opiniões próprias são formas de chamar muita atenção.

– *E quando o diretor decreta “côro” por vários dias e você já sabe que vai apanhar?*

Daniel – Aí era esperar. Antes disso eu já fazia outras “fita”. “Vai bater? A ‘boia tá parada’ [greve de fome]. Enquanto tiver ‘côro’ aqui, a boia tá parada. Ninguém vai comer, nem tomar café, nem comer lanche, nem para o atendimento, nem pra escola, nem fazer nada. A cadeia está parada.” Aí passam três dias, o governador chega gritando na cadeia. Ele chega no diretor.

– *O que você acha do governador?*

Daniel – Ele já foi ver nós em Franco da Rocha. Ele foi numa semana, na outra a Choque invadiu. Pilantra bravo, sem-vergonha mesmo. Ele entrou na ala F, eu nem sabia que ele vinha, foi num dia de visitas. Chegou, cumprimentou as mães e tal... À noite, nós todos dormindo, a gente sabia que a Choque estava lá na frente, até estouramos um cadeado pra tentar segurar, mas não deu. Invadiram. Eles batem sem olhar no olho, porque

você não sabe quem é, eles vêm com capacete... Eles batem sem limite: capacete, escudos... Eles levam para o pátio, cada tantos por vez, “pá, pá, pá”.

– *Qual é a pior porrada: de funcionário ou da Choque?*

Daniel – A Choque, porque bate mais. Mas funcionário é mais humilhante, você sabe que ele está te batendo, mas você sabe que vai poder bater também. Você está vendo ali. Por isso que a maioria das rebeliões tem um monte de funcionários que saem feridos. Em Franco da Rocha, 25 funcionários saíram gravemente feridos, até com maxilar deslocado. Quando funcionário não carrasco apanha é porque está lá na hora do confronto, não é por raiva, é que na hora do confronto ele está no meio, então está sendo quebrado também.

– *Você nunca vê que o funcionário é uma pessoa como você, com família...*

Daniel – Não tem. É como se um ladrão aqui fora visse um policial. Ele não vê a mãe, ele não vê o pai, ele não vê a filha, ele não vê ninguém. Eu não quero saber se a mãe dele vai chorar... Além disso, pega muito mal se tem amizade com funcionário.

– *Qual foi a experiência mais humilhante?*

Daniel – A mais humilhante foi um tapa na cara que eu tomei da mulher da Choque. Isso ninguém sabe, nenhum interno sabe, não falei pra ninguém. Porque, se alguém tivesse visto, eu tinha que pegar ela, tinha que sair catando ela. Como ninguém viu, eu falei, já estou “zoadó”... eu estava pra ser trancado já. Mas quando eu “passei mais veneno” foi quando comecei a escrever o livro, 24 dias numa tranca sozinho. É difícil, é complicado. Por mais que eu estivesse numa Unidade suave, que é Pirituba, eu estava sozinho: trancado e sozinho. Não tinha ninguém pra conversar. Só na hora dos cursos profissionalizantes eu podia ouvir a voz de uns caras pela janela. Isso foi em 2003. Via dia, via noite, via passando. E demorava absurdamente pra passar, você não tinha nada pra fazer, nada, nada. Não tinha uma revista, não tinha um livro, não tinha nada... Eu falei: “já era, acho que eu vou ficar um mês, mês e meio aqui”. Eu só via minha mãe. Quando passou uns cinco dias, eu não aguentava. Comecei a andar de um lado para o outro... Não sabia quantos dias ia ficar. Aí desceu o diretor e falou pra cortar o cabelo, que eu ia para o pátio. Eu estava com o cabelo grande, porque estava em Franco da Rocha. Aí cortei o cabelo, na maior expectativa de ir para o pátio. Aí veio a noite, clareia, vem minha boia: “cadê o pátio?” Aí vem a boia, já com café, pra eu não sair da tranca... Aí, com sete dias eu já comecei a chutar a porta. Eu lá sem fazer nada, nem

fumando estava. Comecei a chutar a porta, aí veio o diretor, o que eu precisava. Aí comecei a adquirir uns bagulhos: gibi, livro. E tinha meu cigarro também pra fumar... Só depois do sétimo dia, depois de chutar tudo, que eu adquiri meus baratos. Em Pirituba não teve opressão. Os funcionários não me bateram, me trataram bem os 24 dias que eu fiquei sozinho. Me mandaram camiseta pra pintar, mandaram uns livros, foi dali que o livro que vocês viram assim, todo bonitinho, dobradinho, saiu, o desenho... Agora, o livro mesmo, foi em Franco da Rocha, quando, depois de uma rebelião, nós estávamos trancados, eu vim com um monte de folha de carta que eu escrevi, e eu passei da parede para o livro quatro linhas grandonas. Eu comecei a ficar escrevendo muito, muito, muito. Ficamos três meses de tranca, sem tomar um sol, e eu ganhei um “bonde” ainda, quando este primeiro livro sumiu. O de Pirituba veio já pelas ideias de Franco, mas o de Franco, que era o primeiro, sumiu, me falaram que foi queimado. Em Franco estava eu e mais 12 num “barraco”. Sem sol, sem nada, só “pagando boia”. O dia inteiro a gente trocava soco, se matava na flexão, fazia trampo, tentava “arrancar faca”. Fazia “televisão”, que é estourar uma parede pra atravessar de um “barraco” para o outro. (...)

– *Como você define rebelião?*

Daniel – É a gota d’água, quando você já ultrapassou os limites. Você e todos, porque ao mesmo tempo que sua febre está sendo testada, a de outro também está. Todo mundo está sentindo a mesma coisa. Todos sentimos ódio, por isso que tem a rebelião. Você tira isso do peito. Você, do jeito que está, acaba com tudo. Depois, pelo menos eu arranquei esse ódio de mim. Às vezes, a rebelião nada mais é do que uma manifestação provocada pelos funcionários. A rebelião faz parte da vida na FEBEM. É uma parte boa e ruim, porque tem rebelião que você vai pegar quem te bateu, é bom, tipo vingança... É ruim porque você apanha e perde tudo.

– *Como é atirar um funcionário do telhado?*

Daniel – É ver ele gritar. Porque ele já bateu, agora nós que falamos: “o senhor já era: abaixa aqui no chão, me dá o dinheiro!” Ele dá. “Tira o relógio!” Ele tira. “Baixa a cabeça!”. “E agora, vai me bater?” “Não!” “Pula!”. “Não vou pular, pelo amor de Deus, eu tenho família...”. “Ah, mas quando minha mãe estava chorando, você não pensou, quando eu estava lá apanhando, cheio de marca, você não pensou que minha mãe ia me ver e ficar chorando lá em casa.” Aí, “balança o caixão” e joga. Eles não morrem, não. Quebra as pernas, a bacia.... Mas também, o que eles fizeram? Tem adolescente que não pode mais ter filho porque tomou muito espancamento

no pênis. Tem gente que não pode mais ler, que afetou o cérebro. Tem gente com traumatismo craniano. Tem menor com pino de platina. Tem gente que perdeu o baço. Então, isso é consequência deles pra nós e de nós pra eles.

– *Por que você entrou no crime?*

Daniel – Pra falar a verdade, eu me admirava com os “ladrões das antigas” que tinha aqui. Eu me espelhava nas cenas que eles falavam, me via fazendo aquelas mesmas “fita”. Me admirava com a fala dos caras, os caras atraíam. Eu via o “ibope” que os caras tinham na “quebrada” com as mulheres. Eu via o cara andando sempre na moda, tudo o que vê na televisão de lançamento o cara tá no pé, o cara tá no corpo... E os “motor”... Também, eu sou muito cheio desses negócios de roupa. Se eu não tiver com uma roupa boa, não olho pra ninguém, não falo com ninguém. Fico parado. Eu não mexo com menina nenhuma na rua, eu não faço nada. Mas se eu estou bonitão, já mudo: eu vou andando querendo que todo mundo olhe pra mim. Todo mundo olha, olha para o pé... Eu achava esse estilo bacana. É complicado. Porque eu também sei que eu também posso, um dia, ser reconhecido pelo meu instrumento, que é o violino, ou pelo livro. Posso ser reconhecido, mas é muito mais difícil. Eu sei trabalhar. Da minha mão sai muita coisa também. Tudo bem, infelizmente é de cadeia, mas pelo menos sai...

– *Parece que a porta para o crime...*

Daniel – Está aberta. E pra vida é fechada. Mas eu continuo batendo.

Entrevistadora: Mariane Ceron